



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – CSHNB
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

FRANCISCO VINICIUS ROCHA PINHEIRO

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL NO ENSINO SUPERIOR:
HISTÓRIAS DE VIDA DE HOMENS GAYS ALUNOS DA UFPI/CSHNB**

PICOS– PI

2017

FRANCISCO VINICIUS ROCHA PINHEIRO

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL NO ENSINO SUPERIOR:
HISTÓRIAS DE VIDA DE HOMENS GAYS ALUNOS DA UFPI/CSHNB**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Piauí - UFPI como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura Plena em Pedagogia. Sob orientação da Prof^a. Ma. Cristiana Barra Teixeira.

PICOS - PI
2017

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

P654c Pinheiro, Francisco Vinicius Rocha

A construção da identidade homossexual no ensino superior:
histórias de vida de homens gays alunos da UFPI/CSHNB/
Francisco Vinicius Rocha Pinheiro.– 2017.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (78f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) –
Universidade Federal do Piauí, Picos, 2018.

Orientador(A): Prof^a Ma. Cristiana Barra Teixeira.

1. Identidade Homossexual. 2. Enfrentamento de
Violências. 3. Grupos Sociais. 4. Cultura Homofóbica. 5. Ensino
Superior. I. Título.

CDD 306.766 2

FRANCISCO VINICIUS ROCHA PINHEIRO

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL NO ENSINO SUPERIOR:
HISTÓRIAS DE VIDA DE HOMENS GAYS ALUNOS DA UFPI/CSHNB**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Piauí - UFPI como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciatura Plena em Pedagogia. Sob orientação da Profª Ma. Cristiana Barra Teixeira.

Aprovada em: 24 / 11 / 2017

BANCA EXAMINADORA

Cristiana Barra Teixeira

Profª: Ma. Cristiana Barra Teixeira
Orientadora - UFPI/CSHNB

Maria Gomes Fernandes

Examinador/a 01 - Profª. Ma. Maria Gomes Fernandes
UFPI/CSHNB

Francisca Rhejanne Moura do Vale

Examinadora 02 - Profª: Esp. Francisca Rhejanne Moura do Vale
Membro 02 - UFPI/CSHNB

DEDICATÓRIA

Ao pequeno Davi, degolado pelo próprio pai ao ser encontrado brincando com as bonecas de sua irmã. Ao Samuel, encontrado com o corpo partido ao meio e sua genitália colocada na boca. Ao Tiago, que tirou sua própria vida depois que seu pai disse que preferia um filho morto a um filho gay. Ao Alex, morto com o fígado dilacerado depois de uma sessão de duas horas de espancamento. Aos que morreram e aos que continuam morrendo pela intolerância, pelo ódio gratuito e pela homofobia.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe Maria da Conceição, por ter lutado de todas as formas para que eu tivesse minha infância respeitada e parasse de sofrer discriminação e ser excluído na escola.

Ao meu pai Geraldo por ter trabalhado todos os dias de sua vida nas piores condições possíveis para me dar a possibilidade de um dia chegar aqui.

A minha irmã Geara, por ter sido a melhor amiga e ter se tornado a melhor mãe, por ter me salvado inúmeras vezes e por continuar me salvando, todos os dias.

A minha avó Maria de Jesus, pela doçura, respeito, amor e fé depositados em mim, por nunca ter descreditado de minhas possibilidades e pela força de sempre.

A Zizi, por ser meu abrigo e meu refúgio mais reconfortante nos momentos mais difíceis da minha vida.

Ao meu namorado Gilberto, por ter sido companheiro e ter me colocado nos eixos nos momentos em que foi difícil encontrar soluções.

A Janaina e a Ramira, por terem sido irmãs e terem me dado possibilidades de encontrar o meu primeiro amor fora do seio familiar, por terem me feito acreditar que eu poderia construir amizades e por terem sido elas a me apresentar esse sentimento e essa relação.

A Ananda e a Ivanna, por tornarem minha vida mais leve, por serem fieis ao que construímos nesses últimos anos e por terem me ajudado a descobrir coisas em mim pelas quais eu posso me orgulhar.

A Regina e a Daniela, por me ouvirem sempre com tanta generosidade e disposição, por se preocuparem e por estarem presentes.

A Sabrina, Meiriane, Palloma, Darcilane, Thais e Luciana, pelas inúmeras ajudas, desabafos, conselhos e por terem se tornado irmãs me acompanhando na formação. Sou grato por me formar com profissionais tão competentes.

A que se tornou muito mais que orientadora e que me deixou compartilhar muito mais pensamentos sobre este trabalho, Cristiana Barra.

A banca, pela leitura eficiente e contribuições para o meu trabalho.

Aos participantes da minha pesquisa, que de forma tão sincera e pura me disponibilizaram seu lado mais doloroso e mais conflituoso para estudar.

A todos que de alguma forma contribuíram para minha formação e para o desenvolvimento deste trabalho.

Eu sei que tem pessoas que vão à escola todo dia e são tratadas como merda por nenhuma razão. Ou você vai para casa e se sente como se não pudesse dizer aos seus pais a verdade sobre si mesmo. Além de colocar você em uma caixa ou outra, você se preocupa com o futuro. Sobre a faculdade, o trabalho, ou mesmo sua segurança física. Tentar criar aquela figura mental da sua vida - sobre o que diabos está acontecendo com você - pode arrebrantar você um pouco mais todo dia. É tóxico, é doloroso, é absolutamente injusto [...]. Muitos jovens lá fora estão sofrendo bullying, rejeição, ou apenas sendo maltratados por causa do que eles são. Muitos saindo da escola. Muitos saindo de casa. Muitos suicídios. Vocês podem mudar isso!

Ellen Page

RESUMO

O presente trabalho versa sobre a construção da identidade homossexual no ensino superior, através da análise das histórias de vida explanadas por alunos da Universidade Federal do Piauí, campus Senador Helvídio Nunes de Barros. Realizamos o estudo através da questão norteadora: Como se constituem as identidades de homens gays dentro do cenário acadêmico? Para isso traçamos o nosso principal objetivo, analisar como se constitui a identidade de homens gays alunos da Universidade Federal do Piauí. Mais especificamente quis traçar o perfil desses sujeitos, conversar sobre a construção da homossexualidade nas atuais conjunturas sociais e refletir sobre o processo de construção da identidade homossexual. Como caminho metodológico para alcançarmos os objetivos propostos, optamos pela abordagem qualitativa partindo de uma pesquisa narrativa realizada a partir da escrita de cartas nas quais os participantes contaram suas histórias de vida destacando aspectos inerentes à sua sexualidade. Como procedimento de análises dos dados e elegemos a análise de conteúdo a partir das ideias de Bardin (2011). O suporte teórico foi dado por autores como Borrillo (2009), Britzman (1995), Butler (2010), Facchini (2005), Foucault (1984), Laird (1994), Schulman (2009), Loiola (2005), Louro (2000), dentre outros. A pesquisa nos apresenta as discriminações experimentadas por sujeitos homossexuais no decorrer de toda sua vida, o enfrentamento de violências causadas em todos os grupos sociais em que estes frequentam, bem como as dificuldades de criar estímulos de auto estima e aceitação em pessoas marginalizadas pela sociedade. Através da fala dos participantes, percebemos o quanto opressor podem ser todas as instituições em que pessoas LGBT estão presentes, inclusive a família. Discutimos ainda os mecanismos sociais que inventaram verdades sobre o sexo, criando a cultura homofóbica que privilegia uma única forma de expressar a sexualidade. O estudo se posiciona nos estudos da Teoria *Queer*, questões de gênero, corpo e sexualidade e é de grande importância no campo da educação, por tratar de questões presentes na vida dos sujeitos desde sua infância e que perpassa todos os espaços que esses sujeitos frequentam, inclusive a escola. Esperamos que a pesquisa possa dar luz à questão da homofobia e traga reflexões sobre a importância do incentivo e valorização da diversidade desde cedo, para que a cultura do ódio as diferenças seja ressignificada e possamos compreender o multiculturalismo como inerente a sociedade.

Palavras-chave: Identidade homossexual. Enfrentamento de Violências. Grupos Sociais. Cultura Homofóbica. Ensino Superior.

ABSTRACT

The present work on the construction of homosexual identity not higher education, through the analysis of life stories explained by students of the Federal University of Piauí, Senador Helvídio Nunes de Barros campus. We conducted the study through the American literature: How do they constitute as identities of gay men within the academic setting? For this we draw our main objective, analyze how to constitute the identity of gay men students of the Federal University of Piauí. More specifically, to profile the subjects, talk about a construction of homosexuality in the current and updates on the process of building the homosexual identity. As a methodological way to obtain means of communication, we opted for a qualitative approach based on a narrative research carried out from the writing of letters in which integral contours are their life histories highlighting inherent to their sexuality. As data analysis eelgemos proceeds, a content analysis to follow the ideas of Bardin (2011). (2009), Fouqueult (1984), Laird (1994), Schulman (2009), Loiola (2005), Louro (2009), Brittman (1995), Butler (2010), Facchini (2005) 2000). The research presents us as discrimination experienced by homosexual subjects without results of their life, the confrontation of violence caused in all social groups in which they are frequent, as well as difficulties in creating stimuli of self esteem and acceptance in people marginalized by society. Through the participants' speech, we realize how oppressive they can all be as institutions where LGBT people are present, including a family. We also discussed the social mechanisms that invented truths about sex, creating a homophobic culture that privileges a unique way of expressing a sexuality. The study is based on studies of Queer Theory, gender, body and sexuality issues and is of great importance in the field of education, because it tries to offer gifts in the life of the subjects from their childhood and perpasses all the spaces that these subjects attend, including the school. We hope it will be a research on the importance of encouraging and valuing diversity from an early age, so that the culture of hate as difference is re-signified and we can know multiculturalism as an inertia to society.

Keywords: Homosexuality. Identity. Coping with Violence. Social Groups. Homophobic Culture. Higher education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I –DELINEAMENTO METODOLÓGICO	13
1.1 Importância da metodologia	14
1.2 Tipo de pesquisa	16
1.3Partícipes da pesquisa	19
1.4 Instrumentos de coleta de dados	21
1.5 Procedimentos de análise de dados.....	23
CAPÍTULO I I– A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL INSERIDA NO ENSINO SUPERIOR	25
2.1 Aspectos históricos	26
2.2A construção da homossexualidade na pós-modernidade	32
2.3As conquistas do movimento LGBT e a inserção do sujeito homossexual nos espaços acadêmicos.....	38
CAPÍTULO III – SER HOMOSSEXUAL: REFLEXÕES A PARTIR DE HISTÓRIAS DE VIDA	44
3.1 A relação com a família: a primeiras e delicadas experiências	45
3.2 Autodescoberta e aceitação: compreendendo-se	53
3.3Inserção nos grupos	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS	69
APÊNDICES	72

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da sexualidade humana tem sido discutida desde primórdios da humanidade e as considerações sobre as práticas estabelecidas como nefastas sempre fizeram parte dos discursos de forma mais incisiva ou branda, de acordo com cada sociedade, tempo e cultura.

No que diz respeito aos sujeitos LGBT, estes sempre tiveram suas vivências marginalizadas e nunca puderam gozar do respeito à sua liberdade, sendo muitas vezes alvo de discriminação desde a infância, fruto de construções sociais sobre verdades absolutas que sempre colocou o homem, heterossexual, branco, cristão e de cultura eurocentrizada como o padrão a ser seguido e legitimado.

Tal ideia de sociedade vem tirando o direito à dignidade humana e cidadania de muitas pessoas que no decorrer de suas descobertas ao longo da vida não se identificam com as verdades sobre o corpo construídas ao longo do tempo e que, quando privilegia uma classe dando o status de norma, marginaliza todas aquelas que fogem desta, colocando-as como desviantes.

O presente estudo pretende compreender o lugar do homem homossexual universitário nos grupos sociais ao qual pertence e a maneira como sua identidade é compreendida por tais agrupamentos, bem como a forma como o próprio indivíduo gay internaliza e compreende as questões de homofobia e discriminação vivenciadas ao longo de sua vida.

Partimos da inquietude do pesquisador (homem gay) em compreender se a vida de outros sujeitos homossexuais também foi marcada por violências causadas pela sociedade heterossexista que não compreende as questões de desejo e, através de diversos mecanismos, tenta exterminar pessoas que não seguem o normativo heterossexual, seja através do discurso que invisibiliza e sujeita o outro ou até mesmo através das inúmeras agressões e mortes aos LGBT's registradas todos os anos.

Como fio norteador da pesquisa, iniciamos toda a problematização do que pretendíamos analisar a partir da pergunta problema: Como se constituem as identidades de homens gays dentro do cenário acadêmico?

Para isso nos ancoramos no nosso principal objetivo, analisar como se constitui a identidade de homens gays alunos da Universidade Federal do Piauí. Mais especificamente queremos traçar o perfil desses sujeitos, conversar sobre a construção da homossexualidade nas atuais conjunturas sociais e refletir sobre o processo de construção da identidade homossexual.

Para conseguirmos chegar a tais resultados, nos debruçamos na pesquisa natureza qualitativa do tipo narrativas, tendo como instrumentos de coleta de dados cartas nas quais os colaboradores escreveram contando sua história de vida, relacionando suas vivências à sua sexualidade. Ao analisarmos os dados obtidos, nos apoiamos em Bardin (2011) e suas definições sobre análise de conteúdo.

Temos as teorias de Michel Foucault (1984) e Judith Butler (2010) como os principais aportes bibliográficos que tomamos como base para o nosso referencial. Além destes, nos ancoramos também em autores(as) como Borrillo (2009), Britzman (1995), Facchini (2005), Laird (1994), Schulman (2009), Loiola (2005), Louro (2000), Lopes (2005), Rodrigues (2007), Welzer – Lang (2001), dentre outros que refletem sobre inclusão, construção de homofobias e sociedade em geral.

O estudo desses autores foi importante por dar luz teórica aos relatos de vida dos sujeitos pesquisados, fundamentando todas as questões abordadas por cada indivíduo em suas cartas escritas ao pesquisador. Para tanto, organizamos o trabalho em três capítulos, além de introdução e conclusão.

Na introdução apresentamos o tema que propomos estudar, bem como a problemática norteadora, objetivos geral e específicos, caminhos metodológicos utilizados para chegarmos aos resultados e alguns dos autores que tomamos como base teórica para refletirmos sobre os achados da pesquisa.

O primeiro capítulo desvela o caminho metodológico escolhido pelo pesquisador para construir subsídios que nos coloque diante das questões que se pretende descobrir no decorrer das análises. De forma detalhada, caracterizamos a pesquisa qualitativa, os sujeitos participantes, local em que a pesquisa foi realizada, os instrumentos escolhidos para obter os dados e finalmente justificamos a análise destes dados.

No segundo capítulo, nos preocupamos em dividir as discussões em três tópicos: aspectos históricos no qual analisamos como as verdades sobre o sexo foram sendo postas no decorrer do tempo; a construção da homossexualidade na pós-modernidade, na qual nos preocupamos em entender como a sociedade deu conta de marginalizar grande parte da população simplesmente por terem desejos sexuais diferentes, analisando os mecanismos de controle do corpo utilizados para tal; as conquistas do movimento LGBT e a inserção do sujeito homossexual nos espaços acadêmicos, na qual analisamos os avanços nos direitos para esta população bem como a sua inserção na academia.

O terceiro capítulo dá conta de analisar os dados colhidos com os colaboradores da pesquisa e divide suas escritas em três temas debatidos, aqui compreendidos como categorias

de análise: relação com a família, discutindo a relação dos sujeitos gays com sua família; grupos sociais pertencentes, compreendendo como os grupos que os participantes frequentaram ao longo da vida foram importantes – ou não – para a constituição de sua identidade; autoaceitação e descobertas, interpretando a sua relação com seu desejo sexual e os transtornos sociais causados por não compreenderem a si próprios.

As considerações finais estão amparadas na preocupação em sintetizar a pesquisa como um todo, através da tentativa de resposta à pergunta problema que norteia o trabalho, bem como os objetivos deste. Reconhecemos ainda a importância da pesquisa nos contextos atuais e compreendemos o estudo como o início de algo que precisa ser posteriormente aprofundado. É, portanto uma pesquisa inacabada.

Convido-os a partir de agora a uma conversa franca, na qual apresentarei as dores de ser homossexual e não se sentir pertencente a nenhum grupo, não ter apoio da família e ter medo a cada passo dado na rua, a cada olhar de estranheza dos desconhecidos, a cada ambiente novo que passa a frequentar... medo, literalmente, de morrer a qualquer momento. Sem nenhum exagero no uso das palavras, a morte acompanha cada sujeito LGBT. Peço ainda, que tenham uma escuta sensível e tentem se colocar no lugar dos sujeitos que, da forma mais honesta possível, nos apresentam suas histórias de vida.



CAPÍTULO I – DELINEAMENTO METODOLÓGICO

A sabedoria não se transmite, é preciso que nós a descubramos fazendo uma caminhada que ninguém pode fazer em nosso lugar e que ninguém nos pode evitar, porque a sabedoria é uma maneira de ver as coisas.

Marcel Proust

Nos pensamentos de Proust, traçamos a nossa caminhada dentro deste trabalho que se deu através da metodologia escolhida para a sua construção. Apresentamos de forma detalhada neste capítulo, todos os caminhos seguidos pelo pesquisador para chegar às discussões realizadas e aos dados obtidos, bem como atingir os objetivos propostos.

O capítulo é subdividido em tópicos: o primeiro tópico se embasa em autores para justificar a importância da metodologia na construção do trabalho científico; o segundo tópico trata do tipo de pesquisa que se adéqua ao estudo, defendendo a pesquisa qualitativa apoiados em Minayo (2012) e Richardson (2012); o próximo tópico identifica os participantes da pesquisa, bem como o local no qual a pesquisa se coloca e os meios pelos quais o pesquisador chegou aos colaboradores; o quarto tópico apresenta os instrumentos de coleta de dados utilizados pelo pesquisador, bem como os motivos que o levaram a escolher tais meios para obter seus dados; o último tópico apresenta a análise de conteúdo como a maneira utilizada para discutir os dados obtidos.

1.1 – Importância da metodologia

Os processos de exclusão vivenciados pela comunidade LGBT ao longo da história, reforçada até hoje pela ordem heterossexista¹, tem marginalizado e tirado a cidadania de milhões de pessoas, deixando-as sem possibilidades de se manter estudando, trabalhando, de ter laços afetivos legitimamente reconhecidos, tem tirado o direito a família e até mesmo a própria vida.

A violência LGBTfóbica é uma realidade expressamente forte no Brasil, que mata 1 pessoa a cada 25 horas, segundo dados do Grupo Gay da Bahia, que trabalha para garantir que esses dados sejam, de alguma forma, registrados. Em 2016 foram 343 mortes².

Os corpos de dois professores foram encontrados carbonizados em um porta-malas, em Santa Luz, na Bahia. Um homem de 34 anos morreu degolado e esquartejado,

¹O heterossexismo é caracterizado pela pressão da sociedade no que diz respeito à normatização da orientação sexual, que começa ainda na escola e que leva à dificuldade em aceitar a diversidade sexual.

Disponível em: <http://know.net/ciencsocioishuman/psicologia/heterossexismo/>

² Disponível em: <http://blogs.correio24horas.com.br/mesalte/numero-de-mortes-de-lgbts-bate-recorde-em-2016-bahia-teve-32-homicidios/>

em Porto Velho, Rondônia. A 4.300 km dali, em Belém, capital do Pará, outro homem morreu com 80 facadas atravessadas no corpo. Mesmo Estado em que Brenda foi espancada e jogada do alto de uma passarela, na cidade de Castanha. Mesmo Pará onde um menino de 10 anos morreu violentado e espancado. No Paraná, uma menina trans de 14 anos foi encontrada morta a beira de um lago. Em Porto Alegre, um homem trans morreu com 17 tiros e terminou arrastado pelo carro de seus assassinos.³

Provocado por essa realidade, o presente trabalho relata a vivência de quatro jovens homossexuais, homens, cisgêneros⁴, de idade entre 18 (dezoito) e 30 (trinta) anos de idade, estudantes da Universidade Federal do Piauí, campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos -PI, alunos dos cursos de Pedagogia, Letras, História e Enfermagem.

Trata-se de uma pesquisa científica por se constituir numa investigação como produto de saber empírico que, segundo Richardson (2012, p. 15) “a investigação é um produto humano, e seus produtores são seres falíveis [...] Precisa-se ter conhecimento da realidade, algumas noções básicas da metodologia e técnicas da pesquisa.”.

Desse modo, a investigação é produto humano pela natureza do homem em querer saber, em conhecer e analisar de que forma o conhecimento catalogado é importante para a inserção de algo em sua vivência e entender de que forma tais descobertas influenciam na evolução individual e em contextos sociais maiores, é importante para compreender como os processos de mudança da sociedade acontecem.

Para Minayo (2012, p. 14) “a metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”, é assim a estruturação do pensamento diante do que se pesquisa e de como se chega aos resultados que a investigação trás. Nessa esteira ainda colabora dizendo que

[...] a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade). A metodologia ocupa um lugar central no interior das suas teorias e está referida a elas (p.14).

A metodologia não é apenas técnicas de pesquisa, deve incluir os estudos teóricos de autores que fundamentem as questões abordadas no decorrer de todo o estudo. É necessário

³ Disponível em: <https://www.sul21.com.br/jornal/a-cada-25-horas-uma-pessoa-lgbt-morreu-vitima-de-violencia-no-brasil-em-2016/>

⁴ Cisgênero é o termo utilizado para se referir ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o seu “gênero de nascença”. No âmbito dos estudos relacionados ao gênero humano, o cisgênero é a oposição do transgênero, pois este último se identifica com um gênero diferente daquele que lhe foi atribuído quando nasceu. Disponível em: <http://www.folhavoria.com.br/entretenimento/blogs/sexo-e-prazer/2016/05/10/o-que-e-cisgenero/>

que se encontre teoria que possa dar sustentabilidade ao que se conclui diante do que é pesquisado.

Não se pode, entretanto, colocar a metodologia acima das concepções teóricas, nem tampouco o contrário. Ambas, metodologia e teoria são de fundamental importância para a validação das análises feitas no estudo. Nesse sentido, Minayo (2012, p. 15) aponta que “o endeusamento das técnicas produz um formalismo árido ou respostas estereotipadas. Seu desprezo, ao contrário, leva ao empirismo sempre ilusório em suas conclusões”. A autora também nos assinala sobre a importância do caráter criativo do pesquisador e que as próprias vivências deste, seu senso comum e a forma como identifica as questões abordadas, são de grande valia para a interpretação dos dados da pesquisa.

A metodologia de uma pesquisa deve ser um dos pontos de grande consideração para a construção desta, por ser o caminho pelo qual o pensamento percorre para construir um dado, um novo conhecimento e produzir, através das técnicas abordadas, ciência. Porém, todas as pesquisas necessitam se encaixar de alguma forma em caminhos metodológicos pré-estabelecidos antes mesmo de esta começar a ser feita. Entender o tipo da pesquisa que será feita, é importante por ser o norte central que o pesquisador tem diante de suas descobertas científicas. Por isso, é necessário estabelecer o tipo de pesquisa que se adequa ao seu estudo.

1.2 - Tipo de pesquisa

O tipo de pesquisa que se adequa ao estudo em questão, é a pesquisa qualitativa, que segundo Richardson “pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados”, é abrir compreensão e entendimento a tudo que é dito pelos colaboradores da pesquisa, de modo a legitimar e dar valor ao que é apresentado por estes.

Dentro de uma pesquisa qualitativa, é importante analisar os dados coletados de acordo com um embasamento histórico sobre como cada questão se situa, estruturalmente. De forma linear, é necessário identificar como as ideias propostas na pesquisa surgiram e se fundamentaram. Richardson (2012) considera importante descrever a forma como a consciência se desenvolve dentro de determinados conteúdos.

No caso da pesquisa em questão, a pesquisa qualitativa é de suma importância para a validação do que se analisa e se propõe entender, diante dos relatos dos colaboradores com o estudo, pois esta tem o caráter exploratório e investigativo de opiniões dos sujeitos presentes.

Para Minayo (2012, p. 79) “seu foco é, principalmente, a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que se pretende investigar”.

Para a autora, mesmo que cada sujeito aborde o tema proposto de maneira aproximada, cada opinião trará muito de sua singularidade, vivência e conhecimento próprio do participante, ao mesmo tempo que terão pontos comuns nas suas abordagens. Por isso a subjetividade de cada pesquisador é muito importante no processo de construção da pesquisa.

Na pesquisa qualitativa há uma aproximação muito grande entre pesquisador e pesquisados, por este motivo há a necessidade do uso da ética como principal atributo daquele que pesquisa, para não haver influência sobre o que é exposto pelos participantes.

Martins (2004, p. 295) traduz claramente este pensamento ao referir-se

[...] particularmente às possíveis conseqüências para a vida de pessoas, grupos e culturas da presença (e da intromissão) de indivíduos portadores de saber, estilo de vida e cultura diferentes. A presença de pesquisadores, muitas vezes disfarçada, pode envolver os observados, pode manipulá-los de acordo com seus interesses e objetivos, introduzindo tensões, provocando rupturas.

Dessa forma, é importante que o pesquisador compreenda claramente sua relação com os sujeitos da pesquisa, que segundo Martins (2004, p. 295) “[...] é uma relação social e política.”, tendo que estar totalmente aberto às colocações do outro, em compreender tudo que este apontar, mesmo que não concorde com tudo que esteja sendo explanado.

O pesquisador deve ter em mente, também, a relevância da sua pesquisa para os sujeitos ou grupo pesquisados. Martins (2004, p. 296) nos traz uma problemática referente ao sujeito pesquisador, ao apontar que

Para o pesquisador, com muita frequência, o mais importante é a pesquisa a ser feita, e os outros são vistos como informantes, ou seja, devem estar a serviço dele para lhe fornecerem os dados que lhe são fundamentais — “fundamentais”, na verdade, para a sua carreira e não para a vida daquele grupo ou para os indivíduos que dele fazem parte. Ele se coloca acima dos outros, da mesma maneira, aliás, como a própria ciência, enquanto discurso ideológico, freqüentemente se coloca em relação a tudo o mais: o saber científico é “o” conhecimento a partir do qual todos os outros são articulados, entendidos e explicados.

Há, nesse tipo de pesquisador, a ideia de ciência como poder que historicamente tem corroborado com a exclusão dos saberes populares, tão importantes para a pesquisa qualitativa que deve tratar justamente da vivência dos povos que se propõe pesquisar. O poder de controle que o pesquisador tem sobre os pesquisados, deve ser repreendido pelo próprio sujeito que pesquisa, analisando os dados coletados de forma mais neutra possível.

Dentro da pesquisa qualitativa, optei por trabalhar com a modalidade narrativa com história de vida, por compreender que o conteúdo do proposto trabalho abrange vivências que precisam ser relatadas levando em consideração todos os aspectos referentes ao modo como os participantes enxergam tais vivências.

A história de vida possibilita fazer com que o pesquisador exercite a escuta compreensiva, no sentido de aproximar-se profundamente do objeto da pesquisa a partir da visão dos pesquisados. No caso desta pesquisa, pretende-se entender as vivências de homossexuais partindo de seus próprios relatos.

Para Spindola e Santos (2003, s/p) História de vida como modalidade de pesquisa busca compreender a narrativa a partir de quem a vivenciou, destacando ainda que “possibilita o estudo sobre a vida das pessoas, penetrar em sua trajetória histórica e compreender a dinâmica das relações que estabelece ao longo de sua existência.”.

É ainda, compreender ações ou situações cotidianas à medida que estas influenciam nas vivências individuais dos pesquisados. Para as autoras “um estudo do cotidiano dirige o olhar do pesquisador para uma dimensão, uma família, um grupo social que pode ser identificado pelas práticas sociais que elabora.” (2003, s/p). O trabalho com história de vida é uma revisão ao passado, através da história e memória dos participantes, que vão moldando suas contribuições a partir do relato de recordações frente ao que se estuda.

Segundo Silva e Barros (2010, p. 69)

A memória é processual e situada, ela vai construindo-se e desenhando sentidos (sempre parcelares) na relação que estabelece entre experiência passada, presente e projeção de futuro (desejo) e, igualmente, com a subjetividade daquele que escuta, num processo dialético entre a subjetividade do ouvinte e a do narrador.

Desta maneira, o pesquisador precisa manter uma relação entre sua busca metodológica e o que o colaborador da pesquisa apresenta, para que consiga construir uma relação minimamente coerente no seu estudo. Entretanto, existem desafios metodológicos no trabalho com memória, por um dispositivo natural humano relacionado à história de vida: a lembrança dos fatos ocorridos. Esta nem sempre segue um caminho lógico em uma linha histórica, o que pode algumas vezes confundir o pesquisador.

Seguindo as ideias de Silva e Barros (2010, p. 170)

A memória possui uma grande variedade de definições: faculdade de lembrar, de reter impressões e idéias, lembrança, recordação, reminiscência. Costuma também ser dividida em individual e coletiva, apesar das duas formas se relacionarem de modo contínuo e intenso [...]. As memórias são organizadas segundo uma lógica

subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos, objetivos e materiais.

O pesquisador, dessa maneira, depende das lembranças dos participantes da pesquisa para modelar sua construção metodológica, tendo algumas dificuldades pelo fato de nem sempre os colaboradores terem acesso a todas as suas memórias referentes ao que se pesquisa, no momento em que há a coleta de dados, podendo deixar de explanar sobre questões muito importantes.

1.3 Partícipes da pesquisa

Uma pesquisa científica não se dá sem seu objeto de estudo e quando se trata de história de vida, os participantes do estudo que também podem ser encarados como colaboradores, são de extrema importância para que esta se concretize da maneira pela qual foram traçados objetivos. Assim, os sujeitos que apontam sobre suas vivências em prol da pesquisa científica, tem o mérito de validar todo o trabalho metodológico posteriormente formulado pelo pesquisador.

Dos participantes da pesquisa em questão, um deles diz identificar-se como branco, dois pardos e mais dois pretos. Optamos por procurar colaboradores que compusessem um grupo plural, com recortes de raça, idade e jornada acadêmica diferenciada. Assim, alguns dos partícipes estão em início de curso enquanto outros estão nos períodos finais de sua formação.

A abordagem se deu a princípio por contato através das redes sociais na qual, de forma aleatória, identifiquei sujeitos estudantes da universidade onde a pesquisa se dá e que declaradamente assumem-se homossexuais. Tracei como estratégia de aproximação uma abordagem virtual por envio de mensagens instantâneas e fiz o convite para a participação dos mesmos no estudo.

Apresentei os objetivos da pesquisa, bem como a metodologia pela qual a mesma se estrutura e a forma como cada um dos partícipes colaboraria. Compreendida a forma como seguiria a coleta de dados, os sujeitos tiveram a opção de participar ou não do estudo. De forma voluntária, todos os sujeitos abordados aderiram e se propuseram a colaborar com o relato de suas vivências. Vale ressaltar que em atendimento aos princípios éticos da pesquisa científica asseguramos aos participantes a preservação de suas identidades.

A entrega dos instrumentos de coleta de dados se deu em dia e horário marcados, no campus da Universidade Federal do Piauí. Todos os participantes receberam os mesmos instrumentos, das mãos do pesquisador, no intervalo de uma hora e foram orientados a deixar

o material no mesmo dia e horário na coordenação do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí, no campus de Picos.

Neste primeiro encontro, os colaboradores responderam um questionário semi-estruturado para a identificação dos sujeitos e composição do grupo no qual a pesquisa foi dirigida, explicando sempre que a adesão é voluntária e que os participantes têm a opção de não mais contribuírem com a pesquisa, caso seja da vontade destes. As informações colhidas apenas introduzem as vivências individuais de cada um, nos dando pistas em relação ao perfil dos participantes.

Seguindo disso, entreguei um envelope com cinco laudas em branco para cada participante, na qual estes foram orientados a escrever uma carta autobiográfica nos apresentando sua história de vida, relacionando suas vivências à sua sexualidade e apontando questões específicas relacionadas ao enfrentamento de violências, autocompreensão e aceitação, relações interpessoais e dinamização de suas relações com os grupos nos quais fez/faz parte durante sua vida.

Mesmo os sujeitos tendo sido orientados a retornarem com o material respondido no mesmo dia e horário, apenas um dos participantes respeitou o prazo estipulado, enquanto outros dois entregaram as cartas semanas depois e o quarto colaborador apenas conseguiu poucas semanas antes da conclusão do trabalho. O quinto participante não entregou o material, logo sua contribuição foi descartada.

A partir dos relatos retirados das cartas, buscamos identificar de que maneira a homofobia é expressa nos dias de hoje e como as marcas dessa marginalização é sentida por cada um dos participantes da pesquisa, como se constituíram suas identidades e quais as marcas deixadas pela exclusão e pelas violências vividas ao longo de suas vidas.

Nas análises dos dados obtidos utilizamos nomes fictícios para indicarmos as falas dos sujeitos para que se possa manter o anonimato dos participantes. O sujeito 1 chamamos de Luís, que foi um jovem morto a facadas em uma festa por estar abraçado ao seu namorado; relacionamos o sujeito 2 ao nome Gustavo, adolescente agredido até a morte na saída da escola simplesmente por ser gay; o sujeito 3 foi indicado por João, jovem negro e gay expulso de casa por não ser aceito pela família; o indivíduo 4 chamamos de Gabriel, que tirou sua própria vida depois de sofrer constantes violências e abusos de seu pai, que não o aceitava como homossexual.

Optamos por trazer o nome desses sujeitos vítimas de homofobia não só na substituição dos nomes reais dos sujeitos participantes da pesquisa, mas em muitos outros momentos do trabalho. É importante não deixar morrer nomes como os de Luís, Gustavo, João e Gabriel

para que nunca nos esqueçamos da violência sofrida por eles e por tantos outros, todos os dias, sem o direito ao menos de terem destaque nas grandes mídias, que ainda são pautadas pelo patriarcado e continuam não dando luz a casos como estes.

Vale destacar ainda que os relatos obtidos com os colaboradores não têm relação com os casos dos indivíduos que dão nome as suas histórias dentro desta pesquisa, mas que as violências simbólicas, físicas e psicológicas sofridas por cada um deles poderiam ter levado-os ao mesmo destino desses meninos e que mesmo com suas identidades totalmente constituídas e compreendidas por eles mesmos, estes ainda não estão livres de sofrer com a violência causada pela homofobia.

Optamos por escolher dentre a gama de vivências LGBTTQ⁵, que compõe gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, gêneros fluídos ou identidades *queers*, homens gays que se identificam com o gênero ao qual foram designados ao nascer, ou seja, são cisgêneros. A escolha se deu por identificação pessoal, pois considero que havendo uma aproximação entre pesquisador e tema de pesquisa, há também maior legitimidade no processo de pesquisa e análise.

As marcas deixadas pela violência homofóbica só podem ser compreendidas em todos os seus âmbitos se analisada a partir de alguém que conhece em algum nível, tais vivências. Mesmo emprestando a nossa interlocução para outros, a voz e a vivência continuam sendo nossas e é de suma importância que assumamos o posto de fala, de representatividade e de empoderamento.

A pesquisa se deu a partir de sujeitos estudantes da Universidade Federal do Piauí – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, na cidade de Picos – Piauí, tendo sido este o local em que a pesquisa é colocada por considerarmos o espaço acadêmico capaz de abranger estas identidades sem fazer com que os sujeitos esqueçam as opressões vividas, mas consigam criticamente analisar tais violências.

A seguir descreveremos os instrumentos eleitos para a coleta das informações nessa investigação.

1.4 - Instrumentos de coleta de dados

Os sujeitos foram convidados a escrever uma carta pessoal, como se escrevesse à um amigo querido, contando sobre suas angústias e memórias marcantes enquanto sujeitos

⁵ Disponível em:

https://www.allacronyms.com/LGBTTQ/Lesbian,_Gay,_Bisexual,_Transsexual,_Transgender,_and_Queer

homossexuais. As vezes em que doeu não ser aceito, não ser compreendido, não ser respeitado, tudo escrito a mão, tirado de um tempo para lembrar esses momentos.

O motivo principal pela escolha das cartas como instrumentos de coleta de dados foi deixar com que os participantes, sozinhos e por eles próprios, se conectassem com seu passado e pudessem fazer uma retrospectiva de acontecimentos marcantes que o tornaram o que são hoje, destacando principalmente os desafios enfrentados no percurso de seus caminhos.

Em tempos de modernidades instantâneas, escrever uma carta se tornou algo raro, pois exige tempo. Ninguém coloca numa carta aquilo que colocaria em uma mensagem de texto virtual, por exemplo. Esse instrumento é mais simbólico e espera do sujeito dedicação ao que está sendo escrito. É também um mecanismo romântico de falar, construindo uma situação mais próxima do íntimo, deixando-os livres para expressarem seus sentimentos mais puros. França (2007, p.44) define a carta como uma estrutura universalmente “Constituída por elementos estruturais fixos, o local, a data, a saudação, a despedida e a assinatura, esse é um texto que toda pessoa conhece: ou porque já escreveu, ou porque já recebeu alguma.”.

Aliberdade em que a carta é criada também nos encantou enquanto instrumento de pesquisa. Mesmo tendo tópicos aos quais os sujeitos eram instigados a falar durante sua escritura, estes eram esclarecidos sobre a sua liberdade em escrever sobre aquilo que eles gostariam de expressar, sem limites de linhas ou laudas para construir o seu relato.

França (2007, p. 45) ainda cita que

A carta é, pois, um texto favorável à reflexão da individualidade de quem escreve. Pode permitir, de forma bastante distinta, a passagem da palavra do autor para o seu destinatário. Essa possibilidade existe porque esse texto se aproxima da linguagem oral, trazendo a alternância de falantes. Ao ler, o destinatário percebe um arremate do querer dizer do autor e, simultaneamente adota uma resposta em relação à provocação feita por este, discorda, concorda, complementa, afirma, opõe, consente, reage. Contudo, essa atitude responsiva pode ser retardada pela característica que o gênero oferece, o autor escreve de um lugar e tempo determinado e o destinatário lê de um outro lugar e em outro tempo, pois a resposta esperada não acontece de imediato, como ocorre em uma conversa, por exemplo.

Como já citado, para que o sujeito realize a tessitura de uma carta, ele precisa de tempo para refletir sobre o que gostaria de contar ao destinatário que irá recebê-la. Há, nessa experiência, um exercício íntimo de entender o que pretende desvelar ao outro e até mesmo o que pretende buscar em sua memória, visto que muitas lembranças são apagadas ao longo do tempo pelo indivíduo que, pelo sofrimento que estas possam causar não as acessam.

Os sujeitos participantes da pesquisa receberam um envelope padronizado, no mesmo dia, com a mesma quantidade de folhas (cinco folhas) e um roteiro instigando-os a buscar suas memórias referentes ao enfrentamento de violências e opressões, sua relação com a família e os grupos sociais ao qual pertenceu ao longo de sua vida.

Os instrumentos foram deixados na coordenação do curso de Pedagogia e lidos pelo destinatário/pesquisador, apenas quando todas estavam em mãos. As cartas, apesar de terem sido feitas de forma pessoal, como se escritas para um amigo querido, não eram assinadas pelos seus remetentes, para que o pesquisador não pudesse identificar de quem se tratava cada relato.

A partir dessas cartas escritas pelos participantes, o pesquisador pôde desvelar quais as marcas deixadas pela homofobia nas vivências de cada um desses sujeitos. Para isso, este utilizou de métodos em sua análise das cartas, para estabelecer um mecanismo capaz de ligar os relatos desses sujeitos ao que se propôs pesquisar, bem como compreender como tais relatos se relacionam entre si.

A seguir, algumas ideias sobre os procedimentos de análises dos dados.

1.5 – Procedimentos de análise de dados

A análise de dados é o momento crucial em uma pesquisa, é a partir dela que apresentamos aquilo exposto pelos participantes de forma a refletir sobre cada palavra dita/escrita, cada sentimento expressado, cada situação representada. É onde o pesquisador confronta tudo o que aprendeu de teoria, no decorrer de sua pesquisa, com fatos reais ocorridos com os sujeitos.

Portanto, é preciso compreender que as análises não podem ser feitas a qualquer modo. Elas precisam, como todas as partes de uma pesquisa, de uma metodologia específica que seja capaz de evidenciar aquilo que desejamos compreender nos dados obtidos. Seja qual for os instrumentos de coleta de dados escolhidos, haverá a necessidade de encaminhar esse material por um procedimento para que seja analisado.

Dentro do nosso trabalho optamos pela análise de conteúdo que para Moraes (1999, s/p)

constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum.

Nesse estudo tomamos as narrativas escritas em cartas e nos debruçamos sobre elas para apreciação do conteúdo, dos sentidos e significados que se apresentam a partir das experiências de vida que nos foram relatadas. Após leituras cuidadosas passamos a transcrever extratos pertinentes à investigação. Desse modo criamos um banco de informações agrupadas conforme as semelhanças mantidas entre si. Essas informações foram interpretadas à luz do nosso referencial teórico e organizadas em categorias de análises, a saber: relação com a família, autodescoberta e aceitação e Inserção nos grupos sociais.

A seguir tecemos reflexões sobre os achados do estudo discutindo cada uma das categorias de análise formulada.

An illustration of a person from behind, holding a large rainbow flag with both arms raised. The person has long dark hair and is wearing a dark top and dark pants. The flag is composed of vertical stripes of red, orange, yellow, green, cyan, blue, and magenta. The background is white.

**CAPÍTULO I I- A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL INSERIDA
NO ENSINO SUPERIOR**

Amor,
Era tudo que eu queria.
Quando amar parecia errado,
E o medo me reprimia.

Tristeza, angústia,
Era só o que sentia.
Meu corpo parecia exausto,
E minha alma não mais reagia.

Não ser,
Era tudo que eu queria.
Quando ser parecia errado,
E minha vida nenhuma falta faria.

Lucas Sipaúba

As angústias retratadas pelo poeta em ser algo que lhe parece errado, vai de encontro com as ideias trabalhadas neste momento do trabalho. A angústia em ser gay e não compreender de que forma se constitui sua identidade e quais os caminhos possíveis que temos para fugir das violências diárias e abraçarmos nossas diferenças, são presentes na vida de todo sujeito gay durante muito tempo e é importante entendermos quais os mecanismos sociais que nos colocam neste lugar de dor e não legitimidade.

O segundo capítulo é dividido em três tópicos: o primeiro trata dos aspectos históricos que colocaram a homossexualidade como algo desviante, fazendo uma viagem no tempo e desvelando como os sujeitos gays eram vistos nas mais diversas sociedades antigas; o segundo tópico se encarrega de reflexões acerca da ideia de homossexualidade como algo desviante e quais os mecanismos sociais que colocaram os sujeitos LGBT na posição marginalizada atual; o último tópico discute a inserção da população homossexual nos espaços acadêmicos, enquanto assunto de discussão e partícipes dessas instituições, compreendendo também as conquistas históricas do movimento LGBT.

2.1-Aspectos históricos

No decorrer de toda a história da humanidade, práticas e hábitos foram sendo construídos e noções do que é certo ou errado foram sendo inseridos nos discursos e nas vivências. Cada povo, a partir de sua cultura, seu próprio senso comum, sua religião e sua etnociência foram denominando o que poderia ou não ser legitimado e aceito.

Exemplos podem ser facilmente compreendidos ao analisarmos a forma como as pessoas se vestiam e como isso foi mudando ao longo do tempo. As mulheres, até meados do

século XX, não tinham permissão social de usar calças ou saias curtas.⁶ E tudo isso, inserido em um contexto extremamente patriarcal e ditador, foi moldando a forma como nos comunicamos, agimos, pensamos, sentimos e nos relacionamos, de forma tão sutil que nos passa despercebido sem grandes análises.

Devemos compreender, entretanto, que as leis inseridas em contextos sociais dominantes se constituíram em um viés de masculinidade, branquitude, eurocentrismo e heterossexualidade compulsória, na qual se rejeita tudo aquilo que foge dessa norma. Assim, no decorrer de construções sociais perpassadas historicamente pelo domínio do homem pelo homem, foram sendo criadas relações hierárquicas de poder, na qual o homem cisgênero, branco, de costumes europeus e heterossexuais, detinha o poder sobre tudo que fugia desse normativo.

Com isso, criaram-se minorias sociais de direitos, na qual mulheres, negros, pessoas LGBT e de origens não europeias, como povos indígenas, por exemplo, foram sendo marginalizados e excluídos da sociedade. Assim, se mantém até hoje a violência contra todo tipo de minoria social: LGBTfobia, machismo, xenofobia, intolerância religiosa e entre tantas outras formas de opressão.

Dentro desse sistema, que continua sendo mantido até hoje, buscaremos analisar especificamente a construção da homossexualidade como algo que precisa ser eliminado e apagado até hoje, levando em consideração as inúmeras mortes de indivíduos LGBT e da violência sofrida por estes todos os dias.

O modelo de sociedade capitalista, que surge através da ascensão burguesa, fortifica a noção de masculinidade heterossexual como dominante e organiza todo o sistema de produção como “coisa de homem” e a homossexualidade passou a ser perseguida, discutida pela medicina como patologia e pela igreja como pecado. Tudo isso em nome de uma moral sexual ilusória, relacionada à família burguesa como núcleo central e primordial para a sociedade civil. Nesse sentido, a homofobia foi tomando forma e se constituindo inclusive de forma constitucional, que para Welzer-Lang (2001, p. 65)

[...] se traduz, por um lado, na construção, interpretação e aplicação sexista (misógina e homofóbica) da lei penal em situações que invariavelmente reproduzem e potencializam as violências interpessoais (revitimização) e, por outro, na construção de práticas sexistas violentas nas, e através das, agências punitivas (violência policial, carcerária e manicomial).

⁶ Disponível em: <https://patricinhaesperta.com.br/moda/historia-das-calças-femininas>

Como já citado, a homossexualidade foi perseguida durante anos como pecado, crime e doença mental tratável e combatível. Apesar de esses fatos serem considerados “absurdos” no ocidente, em 73 países das Nações Unidas, a homossexualidade é ainda considerada crime, em 13 sob pena de morte.⁷

Todo esse sistema, entretanto, foi sendo construído no decorrer da história da humanidade e as crenças voltadas ao que deve ser legitimado ou não foram sendo inseridas no percurso processual das vivências de cada povo. A sexualidade está presente em todas as populações, culturas e sociedades e tem grande influência sobre os sistemas que constituem cada indivíduo presente nesta cadeia.

Na Grécia antiga, a homossexualidade era vista com muita naturalidade e até estimulada, pois entendiam que havia um simbolismo muito grande nas relações afetivas entre homens, chamadas na época de Pederastia. Para Dieter (2012, p. 2)

A pederastia, na Grécia antiga, era vista sobre vários prismas, dependendo da situação. Entretanto, o que mais se destaca é a pederastia inserida na educação dos jovens rapazes, pois entendiam que a prática da pederastia institucionalizada⁴ era necessária para ao desenvolvimento da masculinidade dos adolescentes. Dessa forma, os meninos pertencentes às famílias nobres, quando se tornavam adolescentes, eram encaminhados aos cuidados de homens mais velhos, considerados sábios e guerreiros, que passariam conhecimento aos rapazes, esses chamados de “efebos”. Nesse sentido, era uma honra para os meninos serem escolhidos por esses homens mais velhos, chamados de “preceptores”, que assumiam o papel de mestres, preparando-os para a vida pública. Assim, os adolescentes serviam de “mulher” aos seus educadores.

A pederastia, como era conhecida a homossexualidade na época, era também algo estimulado na cidade Estado de Esparta, pois as forças militares acreditavam que um homossexual ao ir para a guerra, lutaria com muito mais fervor, estando ali não só pelo seu povo, mas também pelo seu amado (DIETER, 2012). Esta visão confronta nosso cenário atual que acredita que os gays não podem servir ao exército, por exemplo, por serem considerados inferiores e incapazes de lutar pelo simples fato de não serem heterossexuais.

Para os gregos a homossexualidade era um “verdadeiro privilégio dos bem-nascidos” como aponta Dias (2009, p. 36) enquanto a heterossexualidade, que hoje é compreendida como o centro das relações pessoais, não era dada tanta importância por estar associada apenas a procriação.

No Império Romano, a homossexualidade era chamada de sodomia e também tratada com naturalidade, porém não para todos. As discriminações relacionadas às práticas

⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/relacao-homossexual-e-crime-em-73-paises-13-preveem-pena-de-morte.html>

homossexuais só se davam para o indivíduo que se colocava passivo na relação representando fraqueza e impotência política, “Isto é, aqueles que assumiam este polo eram considerados inferiores, sendo que eram as mulheres, os escravos e os rapazes que desempenhavam o papel passivo” como aponta ainda Dias (2009, p. 37).

No Brasil, com os povos indígenas e nas sociedades Europeias, as práticas homossexuais eram aceitas e compreendidas como algo da natureza humana⁸, não havendo qualquer tipo de punição ou proibição e sem distinção de pessoas que praticavam atos homoafetivos.

Já na Idade Média, a perseguição aos homossexuais começou a fazer parte da vivência de todos os povos, com a ascensão da Igreja Católica e sua pressão por uma moral sexual que permitia que a sexualidade fosse exercida apenas para fins de procriação. De acordo com Vecchiatti (2008, p. 49)

Qualquer ato sexual praticado fora do casamento e, ainda que nele, sem o intuito da procriação, passou a ser condenado por essas religiões, fosse esse ato homo ou heteroafetivo – condenava-se a libertinagem, mas não determinado tipo de amor, sendo que se considerava como libertina qualquer atividade sexual que não visasse unicamente à procriação. Assim, no que tange à classificação judaica, o ato sexual realizado fora do casamento, fosse ou não libertino, passou a ser visto como uma “impureza”, que por isso deveria ser combatida.

Tal perseguição se dá pelas passagens da bíblia, que é considerado um livro sagrado do qual ninguém pode discordar ou questionar nada lá posto, na qual está escrito “Não te deitarás com homens, como fazes com mulheres: é abominação” (LEVÍTICO, 18:22). Há também muitas associações referidas a Adão e Eva serem o modelo de família a ser seguido, sendo tudo o que foge desta regra patriarcal, algo abominável.

Cabe ressaltar que o objetivo com estas análises não é questionar a moralidade da igreja católica e do livro ao qual seus crentes seguem, mas compreender como uma religião ganhou força suficiente a ponto de colocar a sua verdade acima de todos, inclusive daqueles que não a seguem.

Para Dieter (2012, p. 04) “É indiscutível que a Igreja tenha sido a mais severa perseguidora dos homossexuais durante a Inquisição”, mas isso não fez com que as práticas sexuais fossem extintas na época, inclusive dentro dos mosteiros por aqueles que pregavam tais preceitos.

⁸ Disponível em: <http://novosdebates.abant.org.br/index.php/numero-atual/114-v1-n2/novas-pesquisas/119-homossexualidade-indigena-no-brasil>

As práticas homossexuais realizadas por mulheres eram tratadas com mais naturalidade, não pela prática em si ser respeitada, mas simplesmente pelo fato de as mulheres não serem levadas a sério, e não terem nada relacionado a elas que era considerado algo que merecia preocupação. Nesse sentido, como afirma Rios (2006, p. 119) “o machismo é a origem remota da homofobia, ou seja, do preconceito e da discriminação contra os homossexuais”.

Vecchiatti (2008) no seu livro *Manual da Homoafetividade* nos traz um resumo das visões relacionadas aos homossexuais no decorrer da história. Segundo ele, a partir do século XV os filósofos humanistas buscaram ressaltar o valor do amor masculino cultivado na Grécia Antiga, por acreditarem que os conhecimentos passados dos mais velhos para os mais novos eram mais fixados através do ato sexual entre estes.

Já no século XVII, o capitalismo ascendeu e com isso a competitividade entre homens também, impedindo uma aproximação afetiva entre estes. É produto do capitalismo também, a visão da família burguesa como núcleo central da sociedade, por entender dentre tantos outros motivos, que casais de mesmo sexo não podiam procriar, não gerando assim herdeiros e descendentes. O catolicismo também era muito forte nessa época e seu discurso acarretou no afastamento da homossexualidade como produto da natureza humana.

No século XIX, o amor entre iguais começou a ser estudado e passou a ser compreendido como patologia, entendendo o homossexual como alguém que deveria ser curado da doença que carregava, fortificando o discurso cristão e potencializando a perseguição social que estes sujeitos sofriam na época.

O Estado era fortemente submisso aos preceitos cristãos, e à medida que este passou a descumprir suas ordens por não estar mais sendo lucrativas para seu modelo capitalista, as perseguições aos gays foram diminuindo e o afeto começou a ser respeitado, mas a passos muito lentos. Apenas no século XX, com o início da pós-modernidade, começaram as discussões relacionadas ao respeito e aos direitos sexuais e as pessoas que tinham afeto por outras de mesmo sexo foram sendo inseridas nos contextos sociais e nas leis.

Os avanços relacionados ao respeito aos homossexuais regrediram intensamente nos anos oitenta (80), pela descoberta da AIDS que foi associada aos gays, pelo grande incidente do vírus em pessoas desta classe. Assim, o HIV foi considerado durante anos como doença da homossexualidade, reforçando os catálogos médicos que já tratavam os gays há muito tempo como doentes.

Vecchiatti (2008) ainda aborda em seu livro algumas teorias relacionadas ao surgimento da homossexualidade, levando a crer a influência de fatores genéticos, biológicos e psicológicos, contando também com os fatores culturais e sociais. Segundo ele, a relação

entre a homossexualidade e a genética pode ser explicado ao fato de gêmeos univitelinos terem a mesma sexualidade, hétero ou homo.

No que diz respeito aos fatores sociais e culturais, caso estes realmente tivessem grande influência sobre a sexualidade das pessoas, poderíamos considerar a não existência da homossexualidade, visto que a heterossexualidade é algo ensinado desde sempre e impulsionado por pressões fortemente enraizadas desde o nascer. A heterossexualidade é, dessa forma, compulsória.

Assim, as pessoas não decidem por escolha própria a sua sexualidade. Ela não é uma opção, é uma imposição do nosso desejo. Impõe-se e nenhuma luta contra este fator natural de cada indivíduo fará com que esta característica seja redirecionada ou reorientada, como se tenta até hoje por alguns profissionais de saúde e por membros de igrejas, especialmente as de matizes cristãs.

Vecchiatti (2008, p 106) cita que

[...] nenhuma pessoa escolhe ser homo, hétero ou bissexual: as pessoas simplesmente se descobrem de uma forma ou de outra. Não há “escolha”, mesmo porque, se opção houvesse, certamente as pessoas optariam pela orientação sexual mais fácil de ser vivida, qual seja aquela que não sofre com o preconceito social: a heterossexual. Em suma: sexualidade não se escolhe, se descobre.

A despatologização, entretanto, ocorreu tardiamente, apenas em 1993 a Organização Mundial de Saúde tirou o *homossexualismo* da Classificação Internacional de Doenças, modificando o nome e retirando o sufixo *Ismo*, passando a ser chamada de homossexualidade e compreendida como algo da natureza humana, tão qual a heterossexualidade. “Convém mencionar que o sufixo “ismo” significa doenças, enquanto o sufixo “dade” está relacionado ao modo de ser” (Dieter 2012, p. 6).

No que diz respeito ao cenário jurídico, a constituição de 1988 foi favorável aos direitos LGBT por introduzir o Estado Democrático de Direito, trazendo os direitos da cidadania e respeito a todas as pessoas. A luta atual consiste em fazer valer estes direitos e extinguir de vez a homofobia das vivências de todos os indivíduos que compõem aquilo que foge do prisma heterossexual.

A partir disto, o Estado passou a ter o dever de tratar todos os sujeitos de igual forma, protegendo-os de eventuais problemas relacionados ao desrespeito a dignidade humana, que é um dos princípios norteadores da atual constituição. Tais prerrogativas asseguram direitos de liberdade que incluem as sexualidades como inerentes ao sujeito.

Porém os direitos ainda não são iguais para todos e a sexualidade ainda é questionada no que diz respeito ao casamento, por exemplo. O casamento civil homossexual ainda não é uma realidade acessível a todos os indivíduos, tendo aqueles que tiverem o desejo de um reconhecimento civil de sua união, buscar a aprovação legal de seu desejo.

Dieter (2012, p. 09) nos assinala que

A dignidade humana é contrária a tudo que é desumano, ou seja, a tudo aquilo que reduz a pessoa a condição de objeto. A dignidade da pessoa humana sofre um desmembramento, uma decomposição, sendo que quando se analisa esse princípio, leva-se em consideração o princípio da igualdade, da integridade física e moral, da liberdade e da solidariedade, clarificando que somente esses podem ser ponderados.

Diante de tudo isso, alguns questionamentos devem ser considerados: os valores de igualdade defendidos pelo Estado Democrático de Direitos realmente estão sendo colocados em prática? O direito a liberdade está sendo efetivado, mesmo no país em que é costumeira a morte violenta de pessoas LGBT? A integridade moral é válida quando as oportunidades voltadas para os gays, lésbicas, bissexuais e travestis é limitada? De que forma a solidariedade se estabelece nesse contexto?

É importante entender que muito já foi conquistado, mas nada de forma dada gratuitamente. Se o pouco que avançamos nos fez ganhar força suficiente para gritar por nossas vivências, foi pela luta incessante dos que vieram antes de nós; foi pelo suor derramado por aqueles que tanto marcharam, correram, clamaram pela vida; foi pelos expulsos de casa, que tiveram seu direito ao conforto familiar negado; foi pelos que tiveram que sair da escola, por não mais suportarem o ambiente violento ao qual esta se tornou para eles; foi pelos que morreram de forma brutal pela violência; é pelos que continuam morrendo, todos os dias no Brasil.

A seguir, discutiremos como foram construídas verdades sobre o sexo nas atuais conjunturas sociais e os mecanismos utilizados pelas instituições para ditar regras sobre o corpo e deslegitimar sujeitos homossexuais.

2.2 - A construção da homossexualidade na pós-modernidade

A sexualidade humana sempre foi produto de questionamentos e, principalmente, de imposições nas quais se criaram verdades sobre o sexo que definiram como as relações devem ser pautadas e de que maneira podemos utilizar nosso corpo para a manifestação do nosso desejo e do nosso prazer.

Homens não podem se relacionar com outros homens, mulheres não devem se relacionar com mulheres e em hipótese alguma, estes podem romper as barreiras do que é ser feminino ou masculino. Mas o que faremos com aqueles que não conseguem se enquadrar nessas pré-definições?

Devemos compreender que o ódio à homossexualidade é um produto social e, portanto, criado. Foucault no primeiro volume de seu livro *História da Sexualidade – A vontade de saber* traz um apanhado sobre como a sociedade produz verdades sobre o sexo e de que maneira isso afeta nas vivências de todos os indivíduos, em especial daqueles que não se constituem na norma estabelecida.

Foucault defende a ideia do discurso como produtor de leis sobre o corpo e coloca em pauta aquilo que chama de “Dispositivos da sexualidade”, por meio da qual se fez acreditar que determinadas posturas são adequadas e outras, consideradas condutas a serem controladas. Assim, as instituições foram estimuladas a falar sobre o sexo, de maneira a controlar a forma como as práticas eram efetivadas e principalmente com quem cada indivíduo se relacionava.

A igreja, instituições escolares e saberes científicos passaram a averiguar as condutas sexuais e proliferar discursos que defendiam bases de normalidade que poderiam ser aceitas e aquelas que deveriam ser readequadas. A partir do século XVIII “houve uma fomentação discursiva sobre a sexualidade, com uma proliferação de discursos sobre o sexo, tendo como função verificar e conhecer tanto as formas como os objetos de atividade e desejo sexual” (FOUCAULT, 1999, p. 26).

O exemplo que o filósofo cita em seu livro diz respeito à confissão pastoral católica que, após a contrarreforma ou Concílio de Trento⁹, buscou identificar em todos os sujeitos que eram levados a confessar seus pecados, as práticas sexuais estabelecidas de forma detalhada, identificando as posições utilizadas, a frequência com que as relações eram efetivadas, sensações, gestos, toques, falas e especialmente o/a parceiro/a no ato.

Feitas tais identificações, aqueles que fugiam das normas estabelecidas – o sexo só poderia ser efetivado dentro do casamento heteronormativo, monogâmico – eram considerados pecadores e precisavam de correção dos seus atos através de penitências severas, fazendo com que estes tivessem grandes conflitos de identidade e sofressem muito por estarem do lado errado da sexualidade humana, tentando a qualquer custo reprimir os seus desejos.

⁹ Disponível em: https://www.suapesquisa.com/resumos/concilio_trento.htm

A confissão é estabelecida a partir de uma relação de poder na qual aquele que confessa produz discursos sobre si a ponto de expor-se ao outro, que por sua vez indaga sobre seus atos, julga-o e predetermina o que o indivíduo pode ou não fazer e de que maneira tais atos são legítimos ou ilegais, buscando inclusive a redenção por meio de castigos e penitências.

A produção do sexo enquanto linguagem se dá na apropriação de verdades sobre o corpo que determinadas instituições sugerem para que possam criar fronteiras do que é condenável e deve ser exterminado. Assim, o dispositivo de construção de uma verdade sexual se dá na contramão do segredo e a sexualidade passou a ser um dos principais alvos de perseguição, justamente através da fala.

O discurso demasiado do assunto foi a metodologia criada para conceber as leis sexuais e para criar a ideia de obscuridade e segredo. O sexo não foi negado, mas utilizado como dispositivo de controle do corpo a fim de estabelecer e manter a heterossexualidade compulsória, monogâmica e de base familiar, burguesa e cristã. Para Foucault (1999, p. 36) “o que é próprio das sociedades modernas não é terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim a terem-se devotado a falar sempre, valorizando-o como segredo.”.

Dentro dos estudos que envolvem as questões de gênero, corpo e sexualidade, podemos identificar a Teoria *Queer* como uma das principais no que diz respeito ao questionamento dessas verdades construídas no decorrer da história. Segundo os autores que se debruçam nos estudos de tal teoria, as verdades sobre a sexualidade humana são produto de construções sociais e que “não existem papéis sexuais essencial ou biologicamente inscritos na natureza humana, mas sim formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais” (ALMEIDA, 2013, p. 3).

*Queer*¹⁰ é um termo da língua inglesa que em tradução literal é tudo aquilo que é utilizado para insultar o sujeito homossexual, *bicha* por exemplo. A palavra passou a ser utilizada como forma de subverter o sentido de termos preconceituosos e utilizar como forma de apropriação de identidades que fogem do normativo heterossexual.

Dentro da teoria *Queer*, podemos destacar Judith Butler como uma das principais autoras que teorizam a respeito das identidades sexuais e de gênero, a maneira como elas se estabelecem e as relações de poder exercidas diante de tais posições. Para Butler, cada sujeito se posiciona de acordo com sua sexualidade através do discurso e é a produção de linguagens como mecanismo de construção de identidade que focaliza os interesses na pesquisa da autora.

¹⁰ Disponível em: <http://www.ufscar.br/cis/2011/10/o-queer-e-o-conceito-de-genero/>

Butler se utiliza muito das abordagens de Foucault e também compreende que existe uma dualidade hétero/homo muito bem planejada e categorizada com o objetivo de construir verdades sobre o sexo e a partir disso, manter relações de poder e domínio entre os sujeitos. Para ela, entretanto, a linguagem não é um meio externo ao sujeito, mas à medida que o constrói, é também construída pelo mesmo e mantida de acordo com as negociações feitas frente ao desejo social estabelecido e a necessidade de fazer valer tais desejos, visto que a visão que o outro tem diante do sujeito, sempre afetará nas suas decisões.

Segundo ela “o sujeito culturalmente enredado negocia suas construções, mesmo quando estas constituem os próprios atributos de sua própria identidade” (BUTLER, 2010, p. 206), assim o indivíduo nunca será puro de si, por mais diversificado que o grupo ao qual este pertence possa ser sempre haverá verdades estabelecidas nesses grupos e que serão utilizadas como requisitos para a aceitação e validação das diversas maneiras de viver.

As provocações que Butler traz são importantes por considerar as pessoas, produtos de regras sociais. Mesmo aquelas cujas identidades possam parecer as mais emancipadas, sempre estarão sujeitas ao olhar regulador da sociedade e, conseqüentemente, terão sua liberdade de construir-se puramente de acordo com seus próprios desejos, rompida.

[...] compreender a identidade como uma prática, e uma prática significativa, é compreender sujeitos culturalmente inteligíveis como efeitos resultantes de um discurso amarrado por regras, e que se insere nos atos disseminados e corriqueiros da vida linguística (BUTLER, 2010, p. 208).

Dessa forma, os indivíduos capazes de utilizarem a sua identidade como meio de autonomia do corpo e de suas ações, ainda assim estarão sujeitos às ditaduras sociais que limitam as possibilidades mesmo que estas pareçam ser tão plurais. Até em coletivos LGBT, as identidades constituídas ali não são puramente próprias e requerem de uma base comum entre os participantes do grupo para que possam ser legitimados por estes. Sempre haverá a necessidade de uma permissão social em ser o que é.

Mesmo diante de tais dificuldades na autonomia do sujeito homossexual, Foucault nos alerta sobre a necessidade de impormos os estilos de vida gay, democratizando os espaços e ocupando-os para que nossos corpos, nossa cultura, nossos desejos e hábitos sejam naturalizados, tal qual todo o efeito da heterossexualidade.

É necessário lutar para dar espaço aos estilos de vida homossexual, às escolhas de vida em que as relações sexuais com pessoas do mesmo sexo sejam importantes. Não basta tolerar dentro de um modo de vida mais geral a possibilidade de fazer amor com alguém do mesmo sexo, a título de componente ou de suplemento. (...) O fato de fazer amor com alguém do mesmo sexo pode muito naturalmente acarretar

toda uma série de escolhas, toda uma série de outros valores e de opções para os quais ainda não há possibilidades reais (FOUCAULT, 2004a, p. 119).

Para que possamos compreender a homossexualidade em contexto de um comportamento natural do ser humano, é necessário romper com a ideia de que a heterossexualidade é a norma, correta e saudável. Esta ideia também é inscrita através da linguagem e as discussões relacionadas à orientação sexual só se preocupam em questionar as homossexualidades.

O termo *Orientação Sexual* surge na década de 1980 para substituir “preferência sexual” e é muito bem-conceituada pelo antropólogo Peter Fry ao citar que

[...] a orientação sexual simplesmente descreve o que uma pessoa acabou gostando em matéria de parceiros sexuais. Uns acabam gostando de pessoas do mesmo sexo, outros de pessoas do sexo oposto, outros de ambos, e, quem sabe, outros de ninguém, ou de outras coisas (FRY apud CÂMARA, 2002, p. 102).

Porém só é falado em orientação sexual quando se trata das homossexualidades, o que acaba por destacar a heterossexualidade como algo diferente de uma orientação. Seria, nesse sentido, algo acima de qualquer outra identidade sexual, algo neutro, inquestionável, inviolável e inata ou natural ao ser humano.

Vai sendo criada, no processo desses mecanismos sutis da linguagem, aquilo que é chamado de heterossexualidade compulsória, na qual se espera que todos os sujeitos sejam heterossexuais. Ao nascer, já predispõem a criança anseios para sua vida futura, a começar pelo seu nome que é a marca central que delimita a sua identidade, passando pelas roupas que são escolhidas até a cor pintada nas paredes do quarto.

Assumir a sexualidade é algo que apenas pessoas LGBT sentem a necessidade de fazer em algum momento de suas vidas, justamente por todos acreditarem que estes são heterossexuais, mesmo que não seja dito. A heterossexualidade é compulsória à medida que se espera que todos sejam heterossexuais, que as homossexualidades sejam raras exceções e que não estejam tão presentes no nosso cotidiano. A heterossexualidade é compulsória na medida em que ninguém se assume heterossexual, justamente por ser o padrão exigido.

Contudo, a partir da associação dos desejos sexuais, sujeitos marginalizados sentem a necessidade de formar grupos para compartilhar de suas vivências ao serem excluídos de direitos sociais, criando assim uma cultura própria e elegendo maneiras de vestir, se comunicar, o que ouvir, que lugares frequentar e de que maneira falar muito próprios.

Exemplo disso é o *Pajuba*¹¹, uma linguagem criada pelas travestis em situação de rua para que pudessem se comunicar sem que os outros pudessem entendê-las, evitando muitas situações de violência.

Nos estudos sobre sexualidades, corpo e gênero, nos deparamos também com o termo *Masculinidade Hegemônica*, que compreende que existe apenas uma maneira de representar a masculinidade, sendo esta através da heterossexualidade e de atos considerados “de macho”. Assim, corpos com toques delicados, vozes afinadas, trejeitos femininos, caminhar e gesticular sutis, não são considerados masculinos, mesmo que estes sejam corpos de homens.

Existem também ideias mais fixas em relação à masculinidade hegemônica, quando se diz, por exemplo, que homens são mais inteligentes, fortes, menos emocionais e mais racionais que mulheres. Esta concepção divide a fronteira e inferioriza não só as próprias mulheres, mas todos os homens que expressam suas emoções, que não tem estruturas corporais de grande porte e que, de qualquer maneira, fuja dos normativos de masculinidade, sendo ele homossexual ou não.

De acordo com Messerschmidt (2013, p. 242 - 243)

Os estudos pioneiros foram sistematizados no artigo “Towards a New Sociology of Masculinity”, que criticou extensivamente a literatura sobre o “papel sexual masculino” e propôs um modelo de masculinidades em múltiplas relações de poder. Por sua vez, o modelo foi sistematicamente integrado a uma teoria de gênero sociológica. As seis páginas resultantes em *Gender and Power* sobre “masculinidade hegemônica e feminilidade enfatizada” se tornaram a fonte mais citada para o conceito de masculinidade hegemônica.

A noção de masculinidade hegemônica cria também papéis sociais para indivíduos que estão dentro da norma. É muito difícil manter tamanha “macheza” o tempo inteiro, mesmo para homens heterossexuais que se constituíram no ambiente mais machista possível. Todas as pessoas têm emoções e suprimi-las é algo muito violento e que fere de forma cruel a identidade de qualquer um, mas é também algo exigido pelos sistemas machistas que produzem a heterossexualidade.

É importante entender que todas essas questões que vista pelo ângulo mais simplificado pode parecer algo pequeno, são o que constituem a discriminação homofóbica que mata todos os dias no Brasil. O conceito de Homofobia pode ser muito bem compreendido na fala de Louro (2001, p. 29), uma das maiores pesquisadoras que temos no Brasil sobre as questões de gênero, quando ela afirma que é

¹¹ Disponível em: <http://igay.ig.com.br/2017-07-02/pajuba-lgbt.html>

[...] expressa pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse “contagiosa”, cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática e identidade. O resultado é, muitas vezes [...] um apartheid sexual, isto é, uma segregação que é promovida tanto por aqueles que querem se afastar dos/das homossexuais como pelos/as próprios/as.

A segregação, citada pela autora, é um dos piores fatores experimentados pelos homossexuais, pois tira o direito destes de estar em todos os ambientes e pertencer a todos os grupos, coloca-os de lado inclusive das políticas públicas que mesmo tendo avançado nos últimos anos, ainda falta para chegar a ser equiparada. Para entender isso, é necessário analisar as lutas do movimento LGBT e a inserção de homossexuais na universidade.

2.3 - As conquistas do movimento LGBT e a inserção do sujeito homossexual nos espaços acadêmicos

Diante de tantas problemáticas referentes à cidadania homossexual, cabe discutirmos os avanços que essa população alcançou e de que forma acontece a sua inserção nos espaços públicos e especialmente nos espaços acadêmicos, visto que muitos não conseguem chegar a esses lugares principalmente pelo fato de a evasão escolar ser uma realidade tão comum entre estes indivíduos, impossibilitando o acesso ao ensino superior entre sujeitos homossexuais.

A escola se torna um lugar violento à medida que deixa de lado determinados indivíduos, contribuindo para índices de aprovações baixos, evasão escolar cada vez mais frequentes e problemas relacionais entre os alunos, como exclusão, discriminação e o *bullying*, tão discutidos na atualidade, mas ainda muito vago no que diz respeito a ações práticas de educadores e instituições frente a essas problemáticas.

No que diz respeito aos sujeitos homossexuais, a realidade se torna ainda mais dolorosa. As questões que envolvem as descobertas sexuais na adolescência já são por si só demandas extremamente conflituosas, e quando o jovem não se enxerga nos grupos que faz parte, nas discussões sobre sexualidade e até mesmo nas aulas com conteúdos sobre anatomia e reprodução, o processo de descoberta se torna ainda mais difícil.

Não bastasse isso, o desejo de aprovação e pertencimento é algo muito específico entre os jovens, que utilizam dos jogos linguísticos de poder já citados por Foucault e Butler para conseguir a aceitação do grupo ao qual pertence ou deseja pertencer. A tolerância entre os jovens é também um conceito que estes ainda estão se apropriando e a homofobia é muito

presente nos discursos desses sujeitos, afastando indivíduos homossexuais das relações e interações sociais.

De acordo com Abramovay (2004, p.279) “a discriminação contra homossexuais, ao contrário das de outros tipos, como as relacionadas a racismo e a sexismo, são não somente mais abertamente assumidas, em particular por jovens alunos, além de ser valorizada entre eles”, justamente pelas questões que envolvem a masculinidade hegemônica. É um grande problema ser gay nos contextos patriarcais que estamos inseridos, e assumir uma postura de violência contra os homossexuais, é também assumir sua própria masculinidade, tão importante para a aprovação nos grupos sociais que se constituem pelo machismo.

Assim, a exclusão vai se acentuando e tomando forma e os indivíduos excluídos vão criando processos de afastamento das interações sociais como forma de defesa aos ataques sofridos durante toda sua vida.

Dentro da escola, essas exclusões se institucionalizam e até mesmo educadores exercem o papel de marginalizar os sujeitos homossexuais, quando não incluem em suas falas e quando não valorizam suas vivências. Os conteúdos escolares também não favorecem as discussões sobre sexualidade, a maneira como é exigido o fardamento, o comportamento e até mesmo o uso dos banheiros é extremamente heterossexista. Tudo isso, de forma muito sutil, vai dando forma a exclusão de pessoas que não se identificam com nada posto pela instituição e o fracasso e evasão vai tomando corpo.

Nesse sentido Mantoan (2003, p. 18), contribui dizendo que “a escola é marcada pelo fracasso e pela evasão de uma parte significativa dos seus alunos, que são marginalizados pelo insucesso e privações constantes e pela baixa autoestima resultante da exclusão escolar e social”, tirando o direito que esses indivíduos têm de frequentar a escola a partir do seu real propósito, que deveria ser justamente intervir na produção desses preconceitos que marginalizam determinados grupos.

Poderíamos citar inúmeros casos de violência, exclusão e até mesmo assassinato por conta da homofobia, mas é importante destacar que a violência física e simbólica sofrida por pessoas LGBT dentro das instituições escolares é tão acentuada que acaba mexendo profundamente até com a visão que o indivíduo tem de si, causando problemas psicológicos e fazendo com que muitos tenham a vontade de tirar sua própria vida.

No dia 17 de fevereiro de 2012, na cidade de Vitória, no estado do Espírito Santo, o garoto Rolliver de Jesus se enforcou com um cinto da mãe. O motivo: bullying homofóbico no ambiente escolar. Para a sociedade Rolliver é mais um número nas estatísticas. Para outros ‘Rollivers’, que sofrem o preconceito no ambiente escolar, o caso aterroriza (ROCHA, 2014, p. 2).

O caso ganhou repercussão no país inteiro, algo raro de acontecer visto que as violências sofridas pelos homossexuais acontecem todos os dias, mas quase nunca são noticiadas pelas grandes mídias, e quando são nunca é algo compreendido como violência homofóbica justamente porque tratar do tema nesse direcionamento coloca em questão os privilégios heterossexuais de não sofrerem tais represálias simplesmente pela sua sexualidade, tudo que a grande mídia machista menos deseja.

Com tantos problemas a serem enfrentados no cotidiano escolar, o fracasso e desistência dos estudos se tornam comum para os homossexuais e o acesso ao ensino superior é cada vez mais difícil. Os indivíduos que conseguem chegar à faculdade formam um grupo pequeno e constituem uma minoria nos espaços acadêmicos e, só conseguem ter acesso a isso após terem sofrido todos os tipos de preconceitos que podem acontecer no ambiente escolar.

Vale ressaltar que os homossexuais presentes nas universidades são um número pequeno e que estes não chegaram a esses espaços com facilidade e nem tampouco deixaram de sofrer com a homofobia após terem acesso ao ensino superior. As discriminações são acentuadas e fazem parte da vida de pessoas LGBT em qualquer espaço que estes possam frequentar, mesmo aqueles que sugestivamente pareçam ser os mais abertos a diversidades.

Os avanços nos direitos de acesso e ocupação de homossexuais aos espaços públicos são conquistas recentes. Não é que antes não existiam gays na academia, mas estes não tinham suas vivências validadas e nem sequer podiam falar delas ou até mesmo direcionar seus estudos às questões de diversidade sexual. Hoje em dia, o estudo referente às sexualidades tem ganhado força, mas ainda não tem total reconhecimento de sua importância por grande parte dos profissionais que compõem os ambientes acadêmicos.

O acesso de gays, lésbicas, bissexuais e travestis/transsexuais a espaços públicos de forma a validar a sua presença nestes ambientes, começou a ser discutida no Brasil no final dos anos setenta (70), bem como muitas outras demandas desta população. Diz que o surgimento do Movimento LGBT foi a partir de publicações do Jornal Lâmpião da Esquina que segundo Rodrigues (2007, p. 66 - 67)

No fim da década de 1970, um grupo de intelectuais assumidamente gays, dentre eles o próprio Trevisan, valendo-se do arrefecimento da repressão política brasileira, lança aquele que é considerado o primeiro veículo de ampla circulação dirigido ao público homossexual - O Lâmpião da Esquina. A idéia do jornal surgiu a partir da visita ao Brasil do editor Winston Leyland, da Gay Sunshine Press, de São Francisco, Califórnia... Pode-se dizer que o lançamento do jornal, em abril de 1978, fortaleceu a ação de alguns rapazes de São Paulo que organizavam grupo que setornaria responsável por consolidar o movimento homossexual no Brasil - o Grupo Somos. Com seus textos longos e comprimidos em letras pequenas, que só não atrapalhavam

mais a leitura porque a vontade de lê-los era maior do que a crítica que podíamos fazer na época, o *Lampião da Esquina* iniciava um novo capítulo para a história da construção e da afirmação de uma identidade gay no Brasil.

Foi com o intuito de trazer à tona a homossexualidade que as publicações foram feitas, para que os gays pudessem começar a usufruir de seus direitos e tivessem espaço de fala e escuta, colocando em pauta as suas demandas e necessidades enquanto cidadãos de direitos que durante séculos não foram reconhecidos. As publicações eram voltadas especificamente para o público gay, para que estes pudessem criar um pensamento crítico a respeito de todas as discriminações e exclusões que estes viviam, porém não era restrito a estes e todos os setores da sociedade poderiam ter acesso às publicações.

O jornal, junto com o Grupo Somos, foram responsáveis pelo primeiro evento acadêmico para discutir questões de sexualidade e direitos de gays e lésbicas, que de acordo com Rodrigues (2007) foi idealizado em 1979 e aconteceu em 1980 na Universidade de São Paulo (USP), foi quando as vozes homossexuais começaram a ser ouvidas em ambientes universitários.

O Grupo Somos, já citado, foi o primeiro grupo reconhecido pelos pesquisadores que tinha o interesse em questionar a forma como os sujeitos LGBT eram tratados nos sistemas políticos e na sociedade em geral. O grupo era formado por homens gays e aos poucos foi agregando mulheres lésbicas e crescendo, além de ser o marco inicial da criação de outros coletivos, como aponta Facchini (2005, p. 95)

A partir desse debate, novos integrantes, inclusive mulheres, entraram no Somos e dois novos grupos se formaram: o Eros e o Libertos. É interessante observar, em relação à forma como surgiram novos grupos, que em um evento em que a questão homossexual teve destaque não só trouxe novos membros ao Somos como provocou o surgimento de novos grupos.

Outro grupo importante que surgiu na época foi o Grupo Gay da Bahia, que resiste até hoje e tem seu trabalho reconhecido nas lutas pelos direitos da comunidade LGBT em todo o mundo. O grupo se tornou referência no Brasil e surgiu durante o mesmo momento em que os outros grupos nasceram, nos anos finais da década de 1970 e começo de 1980.

Desde sua fundação, em 1980, o GGB acumula em seu curriculum significativas vitórias em prol dos direitos de cidadania dos homossexuais. Publicou pela Editora Mercado Aberto (RS) o livro *Lesbianismo no Brasil* (1987) e diversos artigos sobre a história dos "sodomitas" luso-brasileiros perseguidos pela Inquisição, assim como sobre múltiplos aspectos culturais da epidemia da Aids em nosso país. Em 1987 publicou o livro *Homofobia: A violação dos direitos humanos dos gays, lésbicas e travestis no Brasil*. Realizou centenas de conferências, debates e mesas redondas sobre a homossexualidade e a questão da Aids em colégios, universidades, programas de TV e rádios de norte a sul do país. Liderou a campanha nacional que retirou a homossexualidade da lista dos desvios sexuais, sendo autor de sete moções

anti-discriminação aprovadas pelas mais importantes associações científicas nacionais. Foi a primeira ONG a iniciar a prevenção da Aids no Brasil (1982) sendo autor da primeira cartilha em método braille sobre Aids para deficientes visuais. Desde a sua fundação o GGB já distribuiu mais de 1 milhão de preservativos na Bahia (O MOVIMENTO HOMOSSEXUAL NO BRASIL, s/d. p. 18)¹²

Com o fim do Lampião no início dos anos oitenta e sem nenhuma publicação que discutia as questões da população, movimento LGBT passou por um período em que foram reduzidos os grupos que promoviam as discussões e o surgimento da AIDS também teve grande responsabilidade com o esmorecimento dos coletivos, visto que estes perderam muitos de seus líderes e participantes para o vírus, como aponta Facchini (2005, p. 102)

Antes do final da primeira metade dos anos 1980, houve uma drástica redução na quantidade de grupos presentes no movimento. Isso pode ser justificado, entre outras coisas, pelo surgimento da AIDS, então chamada de peste gay, e seu poder de desmobilização das propostas de libertação sexual, e ainda, pelo fato de muitas lideranças terem se voltado para a luta contra a AIDS, criando as primeiras respostas da sociedade civil à epidemia.

Houve um extenso período em que os homossexuais passaram a ser perseguidos por conta do vírus da AIDS que fez com que estes não tivessem condições de continuar com suas atividades enquanto movimento social. As preocupações estavam voltadas principalmente em entender que doença era aquela que estava surgindo na época e se defender das fortes violências que os gays voltaram a sofrer na época.

Somente a partir da década de 1990, os grupos já existentes voltaram a intensificar suas ações e outros grupos surgiram, dando novos horizontes às lutas pelos direitos LGBT e foi a partir de então que “os encontros nacionais do movimento passam a ocorrer com periodicidade anual ou bienal e a quantidade dos grupos presentes a esses eventos aumenta consideravelmente” (FACCHINI, 2005, p. 221).

Esse momento seguiu em um crescente e se estende até hoje, ganhando aos poucos espaços nas mídias televisivas, jornais, revistas e dando voz as necessidades básicas de respeito e compreensão da comunidade LGBT. Com o tempo, os grupos que antes eram apenas formados por gays e lésbicas, foram dando espaço às pessoas bissexuais, travestis e transexuais e hoje, os grupos são tão plurais que incluem pessoas com gênero fluido, pansexuais e até aqueles que se consideram assexuais.

Os grupos foram ganhando força e se espalhando por todo o Brasil, realizando atividades como a Parada do Orgulho LGBT que acontece atualmente em muitas cidades de todos os estados brasileiros, e para O movimento homossexual no Brasil, (s/d)

¹² Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13134/13134_3.PDF

[...] são estratégias de mobilização e de visibilidade que estão ligadas ao atual contexto social e a organização de classe. A sua representatividade hoje amplia as discussões voltadas para o universo homossexual. Elas traduzem a luta pela legitimidade dos direitos de igualdade, liberdade e a discussão do reconhecimento das diferenças em âmbitos diversificados, tais como: família, ambiente de trabalho, escola, política.

Os coletivos atuais realizam diversas outras atividades, inclusive dentro da academia. Existem diversos eventos científicos espalhados por universidades do país inteiro que tem como objetivo discutir as diversidades sexuais inseridas dentro da educação, direito, medicina e tantas outras áreas de conhecimento.

É importante ressaltar que ainda falta muito para que haja uma valorização das pessoas LGBT em todos os âmbitos da sociedade, mas há também muitas conquistas a serem reconhecidas pelos grupos organizados que lutam a tantos anos para o fortalecimento do respeito aos gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais.

O acesso a espaços públicos tem sido garantido e existem mais homossexuais dentro das universidades e no mercado de trabalho. Mas ainda há um déficit muito grande que precisa ser sanado, em especial às pessoas trans e travestis, que não tem muitas oportunidades e são obrigadas, muitas vezes, a viver da prostituição ou de atividades consideradas subalternas por não terem outra opção.

A seguir, discutiremos os dados obtidos com os sujeitos participantes da pesquisa, refletindo sobre a forma como se constituíram suas identidades dentro dos sistemas grupais que estes indivíduos participaram no decorrer de suas vidas.

A stylized illustration of a person from behind, holding a large rainbow flag with both arms raised. The person has long dark hair and is wearing a purple top and dark pants. The flag is composed of vertical stripes of red, orange, yellow, green, cyan, blue, and magenta. The background is white.

CAPÍTULO III – SER HOMOSSEXUAL: REFLEXÕES A PARTIR DE HISTÓRIAS DE VIDA

Silêncio

Quando faltam as palavras e as emoções são conflitantes
 Quando nada que poderia dizer explicaria o que nem você entende
 Quando tudo que disse, foi reinterpretado e não compreendido...
 Contemplo o silencioso silêncio,
 deleito-me na companhia do único ser capaz de compreender o incompreendido...
 De decifrar as palavras que não foram ditas.
 Quando o silêncio se torna a mais bela das respostas, a pergunta mais exata.
 Quando reticências viram palavras, e uma vírgula é mal entendida.
 Quando a alma quer gritar e tudo que você quer é calar...
 Silêncio, absoluto e perfeito silêncio.
 Essa é a minha resposta, esta é a minha reação, este é o meu clamor, minha devocional, minha adoração.
 No silencioso silêncio...

Carina Ramos

Se pudermos escolher uma palavra-chave que indique as discussões presentes neste capítulo, esta seria silenciamento. A poetisa, de forma muito sensível, nos apresenta os dolorosos sentimentos causados por não poder falar algo, ou por não ter espaço para que sua voz seja ouvida. Esse sentimento também é retratado pelos colaboradores da pesquisa.

Esse capítulo apresenta relatos de vida dos sujeitos participantes da pesquisa que, através de cartas, nos apresentam suas histórias e retratam momentos marcantes em que foi difícil ser uma criança ou adolescente que já se encontrava em um plasma sexual diferente de todas as referências a eles apresentadas. Dividimos o capítulo em três tópicos, também compreendidos como categorias de análise: no primeiro relacionamos os sujeitos à sua relação com a família; no segundo discutimos as questões de aceitação interna, bem como os conflitos vivenciados pela falta de autocompreensão de suas questões sexuais; terminamos o capítulo discutindo a relação desses sujeitos com os grupos sociais aos quais pertenceram no decorrer de suas vidas.

3.1 –A relação com a família: as primeiras e delicadas experiências

A família é o primeiro grupo a qual um indivíduo vai pertencer durante sua vida e muito provavelmente seja o agrupamento mais duradouro que este vivenciará. É a partir dela que as primeiras noções de valores morais e cidadania são traçadas e a herança cultural presente no seio familiar, vai moldar a forma como cada sujeito compreende a sociedade.

Temos a ideia fixa de que é a família construída por vínculos parentais, sanguíneos, que estarão sempre ao lado de seus filhos, netos, sobrinhos e que ajudarão a diminuir as dores que estes venham a sentir ao longo de suas vidas. Mas o que acontece, muitas vezes, é justamente

o contrário e a realidade atual tem nos mostrado cada vez mais pais que não tem respeito pelas individualidades de seus filhos e não aceitam que estes sejam diferentes do que eles desejam.

No que diz respeito aos homossexuais, muito destes não são aceitos pelos seus familiares e em vários casos são expulsos de casa, agredidos e até mortos por membros de sua família. Os pais, muitas vezes traçam metas a serem alcançadas por seus filhos e a principal delas, desde o seu nascimento, diz respeito a sua heterossexualidade.

De acordo com Soliva (2010, p. 3) “Na maioria dos casos, a ruptura com os projetos que foram laboriosamente construídos para serem encabeçados pelo filho transgressor é respondida com muita violência”, que podem ser convertidas das mais diversas formas, desde ações que parecem ser mínimas, como impedirema criança de brincar de boneca, até atitudes mais extremas como agressão e até assassinato.

Day (2003, p. 10) define a violência intrafamiliar como

Toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de um membro da família. Pode ser cometida dentro e fora de casa, por qualquer integrante da família que esteja em relação de poder com a pessoa agredida. Inclui também as pessoas que estão exercendo a função de pai ou mãe, mesmo sem laços de sangue.

Diante do exposto, cabe analisarmos os relatos dos participantes da pesquisa no que diz respeito a sua relação com a família, a importância que estas tiveram para a consolidação de sua personalidade e apoio em suas tomadas de decisões ou as mágoas referentes ao desrespeito e não aceitação destes.

Luis, o primeiro colaborador da pesquisa, fala sobre a resistência que sua família teve no início da descoberta de sua sexualidade, mas ressalta do posterior apoio e ajuda diante dos desafios vivenciados ao longo de sua vida. Ele é breve em sua fala e não cita nenhum episódio específico com seus pais.

Busquei na família o apoio para enfrentar os desafios futuros, no início existiu certa resistência, porém em pouco tempo aprenderam a conviver com minhas particularidades e me ajudar sempre que eu passasse por alguma dificuldade ou dúvida. (LUÍS, 2017)

Apesar de Luís não apresentar situações de homofobia passadas dentro do seio familiar, esta deixa a entender que houve dificuldades para sua aceitação quando explana sobre a resistência em aceitar sua sexualidade. Diante de um relato pequeno no que diz respeito a sua relação com a família, cabe o questionamento: Não adentrar os detalhes de suas experiências pode ser uma fuga das marcas deixadas pelas possíveis violências simbólicas, psicológicas e

até mesmo físicas que ele pode ter sofrido ou houve de fato apoio destes em relação a suas individualidades?

É importante compreendermos também a possibilidade de o participante ter sido breve em sua fala a respeito de sua família simplesmente por não sentir conforto ao tocar no assunto, não querer expor possíveis conflitos ou simplesmente não haver total interesse e disposição em participar da pesquisa, possibilidade esta que deve ser respeitada pelo pesquisador.

Na fala de Luís, é nítido que sua família já tem conhecimento sobre sua sexualidade, o que nos leva a compreender que em algum momento houve o episódio de assumir-se para eles, ou de eles mesmo terem descoberto de alguma maneira. Em relação a tornar público a homossexualidade e falar sobre o assunto, Pollak (1990, p. 29-30) cita que

O segredo e o *coming out* podem significar muitas coisas, dependendo de para qual platéia e sob que circunstâncias é desempenhada uma cena de revelação ou ocultamento: encenações de revelação e ocultamento que têm curso de formas específicas em diferentes círculos sociais, com graus maiores ou menores de eficácia. O que está em jogo aqui são processos locais de constituição de fronteiras, porosas e dinâmicas, entre público e privado. A questão pertinente, de um ponto de vista antropológico, não é “se” tais ou quais pessoas se assumem ou ficam no armário, e sim “como” essas categorias são empregadas por sujeitos socialmente posicionados para circunscrever, no discurso sobre si e sobre os outros, diferentes tipos de experiência social.

Assumir sua sexualidade é empregar materialidade a algo que só existe até então no imaginário e não no concreto. Ter um parente gay é algo inesperado, fora de cogitação na maioria das famílias, até que alguém assuma essa posição. Não sendo assim, a homossexualidade só é normal na família dos outros.

Mesmo que a realidade referente às vivências de Luís seja realmente de apoio recebido de sua família, é importante justificar que essa não é a regra geral e que na maioria das vezes os pais não aceitam qualquer resquício de algo que possa ser homossexualidade e as repressões e violências que crianças “afeminadas” sofrem, é muito frequente, como o caso de Alex de oito(08) anos de idade, que teve o fígado dilacerado pelo pai como consta em uma publicação de 2014 do site <https://oglobo.globo.com>

Em Mossoró, segunda maior cidade do Rio Grande do Norte, Digna Medeiros, uma jovem de 29 anos que vive da mesada de dois salários-mínimos dada pelo pai, começou a ser pressionada pelo Conselho Tutelar porque não mandava seu filho Alex, um garoto franzino, que não aparentava seus 8 anos, à escola. Ameaçada de perder a guarda, mandou o menino para o Rio para que ele morasse com o pai. O encontro da criança tímida com o pai desempregado, que já cumprira pena por tráfico de drogas, não poderia ter sido mais desastroso. Horrorizado porque Alex gostava de dança do ventre e de lavar louça, Alex André passou a aplicar o que

chamou de “corretivos”. Surrava o filho repetidas vezes para “ensiná-lo a andar como homem”. No último dia 17, iniciou outra sessão de espancamento. Duas horas depois, Alex foi levado para um posto de saúde. Parecia desmaiado, com os olhos grandes, de cílios longos, entreabertos. Mas não havia mais o que fazer. Estava morto. As sucessivas pancadas do pai, provocadas porque Alex não queria cortar o cabelo, dilaceraram o fígado do garotinho. Uma hemorragia interna se seguiu, levando o menino, que também gostava de forró e de brincar de carrinho, a óbito.¹³

O objetivo da pesquisa ao trazer estes fatos, não é generalizar a família como algo nocivo às pessoas LGBT, mas relatar sobre aquelas que, em maior ou menor grau, tratam os seus filhos com desrespeito ou violência. Existem famílias que conseguem compreender as angústias vivenciadas por estes indivíduos, e isso é explícito na fala de Luís quando este aponta que teve o apoio deles, mesmo que diante de uma resistência no começo.

Trazendo esses casos de extrema violência para o trabalho, tentamos de alguma forma dar luz a essas vidas brutalmente tiradas e, muitas vezes, nem sequer noticiadas e logo esquecidas. São muitos Alex vitimados no Brasil todos os dias e muitos outros continuarão a surgir sem nenhum remorso da sociedade machista que por um lado se mostra falsamente preocupada com esses casos e por outro cria esses assassinos e mantém o descaso e a indiferença.

O segundo participante da pesquisa, aqui tratado como Gustavo, explicita sua relação com a família e fala da dificuldade que teve desde a infância pela repressão de seus pais frente aos indícios de que este seria homossexual, mas tenta amenizar a dureza de sua fala ressaltando em vários momentos que ele não sofria violência.

No âmbito familiar, por não ser como todo garoto, eu sofria repressão, não que fosse algo violento, pelo contrário, era algo que acontecia por efeitos culturais. Eu sempre escutava da minha família “não pode brincar com isso porque é de menina”; “você devia brincar mais com os meninos”; “vai jogar futebol”, essas coisas. Mas em momento algum houve atos de violência contra mim. Havia as repressões verbais que, querendo ou não, causam sofrimento, ainda mais quando o indivíduo reprimido não sabe o porquê de ele ser assim, o porquê de ter algo “diferente” e/ou “estranho”. E quando havia essa repressão, o refúgio para não sofrer mais aquilo era se camuflar dentro dos padrões socialmente estabelecidos. Mas isso é algo natural e que mais que você tente esconder, você não agüenta(GUSTAVO, 2017).

Mesmo diante de tamanha repressão a ponto de ele sentir-se estranho, ele insiste na ideia da não violência. Podemos compreender que ele se refere a violência física, já que este não apresenta episódios em que isso aconteceu. Entretanto, há violência psicológica sofrida por ele desde criança em situações que feriram sua dignidade e sua infância, impedido de brincar com o que gostava simplesmente por sua família considerar algo de menina.

¹³ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/menino-teve-figado-dilacerado-pelo-pai-que-nao-admitia-que-crianca-gostasse-de-lavar-louca-11785342>

Gustavo fala sobre a necessidade de se camuflar em padrões que não conferiam aquilo que ele desejava, ou seja, performar gestos, falas, toques e desejos que não eram os seus para parecer estar seguindo aquilo que é considerado algo que pessoas heterossexuais comumente fariam. Tudo isso para fugir da repressão de sua família e conseguir o respeito de seus pais.

Para Soliva (2010, p. 1)

Essas famílias não conseguem proporcionar a esses jovens uma sensação de acolhimento que convencionalmente essa instituição deveria gerar. As agressões, ameaças e outros tantos tipos de violência comunicam a intolerância, frustração e medos que esses familiares, comumente, exteriorizam quando se deparam com a possível existência de um filho homossexual.

Tudo isso gera um enorme desconforto no sujeito gay ao identificar que sua sexualidade não está de acordo com aquilo que sua família deseja e o ensinou desde sempre, fazendo com que o indivíduo passe a criar transtornos sociais de aceitação, autoestima e compreensão de si próprio, como podemos identificar na fala de outro participante da pesquisa, João, quando este responsabiliza parte de seus problemas de relacionamento às repressões sofridas por ele na infância.

Lá pelas tantas eu estava brincando com uns meninos dentro de um pau-de-arara, creio que durante a brincadeira um dos garotos me chamou de mulher, eu imediatamente fui até meu pai narrar o acontecido. Ele simplesmente disse na sua costumeira voz alterada “só não haja como uma mulher”. Eu sei que meu pai temeu a minha homossexualidade, quis evitar a todo custo. Parando pra pensar agora, ele sempre quis me moldar, mandando eu agir de tal maneira, parando de fazer tal gesto... Isso me machucava tanto, mesmo que eu tivesse consciência de quem eu era, essas atitudes de meu pai começaram a ter muita influência nos meus transtornos sociais (JOÃO, 2017).

A compreensão de que há um papel específico para mulheres, encontrada na fala do colaborador, é uma ideia permeada pelo machismo e pela heterossexualidade compulsória, como já discutida no capítulo anterior, fazendo com que haja a criação e manutenção de uma fronteira entre ser homem/mulher, discriminando tudo aquilo que foge dos normativos culturais postos por essa fronteira.

De acordo com Heilborn (1995, s/p)

O comportamento esperado de uma pessoa de um determinado sexo é produto das convenções sociais acerca do gênero em um contexto social específico. E mais, essas idéias acerca do que se espera de homens e mulheres são produzidas relacionalmente; isto é: quando se fala em identidades socialmente construídas, o discurso sociológico/ antropológico está enfatizando que a atribuição de papéis e identidades para ambos os sexos forma um sistema simbolicamente concatenado.

Dessa maneira, podemos compreender que essas convenções são produtos sociais e que, biologicamente, não existem comportamentos especificamente masculinos ou femininos, mas que cada sujeito vai se apropriando no decorrer da sua vida daquilo que considera mais pertinente para suas experiências pessoais e que o deixa mais confortável no papel que esteja assumindo.

Mas quando o sujeito é impedido de assumir os papéis que o deixam mais confortável, este vai se aproximando daquilo que a sociedade considera legítimo e aceitável, por mais que não seja exatamente produto do seu desejo, fazendo com que este assuma papéis que não condizem com quem ele realmente é. Isso pode ser confirmado em outra fala de João, quando este explana sobre uma situação em que foi repreendido por ter achado outro garoto bonito.

Eu estava assistindo televisão com minhas duas irmãs mais velhas, vez ou outra elas diziam que tal homem que aparecia no televisor era bonito, e eu também os achava, e soltei minha admiração por um deles. No mesmo instante uma delas me repreendeu, disse que eu não podia dizer aquilo acerca dos homens, já que sou um também. De certa forma aquilo me marcou profundamente. (JOÃO, 2017).

Nesse episódio relatado, é nítida essa ideia de que existem papéis para o homem e para a mulher socialmente construídos e mantidos ao longo do tempo. O simples fato de achar uma pessoa do mesmo gênero bonita, já coloca o sujeito em um lado da fronteira que para muitos não deveria nem existir. Assim, a homossexualidade é detida e exterminada e o mesmo sistema social que criou a irmã de João, criou também Tatiana Lozano, que segundo dados do site <http://ondda.com>, matou seu próprio filho Itaberlly a facadas.

Na tarde da quarta-feira, 11 de janeiro, Tatiana Lozano Pereira confessou ter assassinado seu filho, Itaberlly, de 19 anos, em Ribeirão Preto, interior de São Paulo. Segundo informações de “Veja São Paulo”, o crime foi registrado pela Polícia Civil. Tatiana matou seu próprio filho a facadas no dia 29 de dezembro de 2016. O crime, com traços de tragédia social, não foi cometido apenas por Tatiana. Ela contou com a ajuda do marido, que era padrasto de Itaberlly. O esposo incendiou o corpo do jovem em um canal na tentativa de ocultação de cadáver. “Ele levava homens para casa”, Tatiana justificou o crime, relatando para a polícia que o comportamento do filho provocou o incidente. A tragédia familiar motivada pela intolerância, aconteceu porque a mãe não aguentava mais conviver com a homossexualidade do filho. No sábado, 7 de janeiro, um cadáver carbonizado foi encontrado no meio do canal e despertou suspeitas que poderia ser do rapaz.¹⁴

Esses episódios muitas vezes nem ganham atenção das grandes mídias e quando acontece, não são noticiados da forma como deveriam. O crime de homofobia ainda não é

¹⁴ Disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/mae-mata-filho-de-19-anos-porque-ele-levava-garotos-para-casa/>

validado no Brasil¹⁵ e acontecimentos desse tipo são interpretados pela justiça brasileira como crimes realizados a partir de outras circunstâncias, mas nunca pelas marcas de ódio aos homossexuais.

João ainda relata do momento em que um tio seu também homossexual se assumiu e recorda a reação de sua mãe e de que forma aquilo o afetou, bem como o episódio em que ela, preocupada com a possibilidade de seu filho ser homossexual, pediu para que este não agisse como um garoto com “trejeitos afeminados” que passava por eles e que virou motivo de piada.

Recordo-me de quando um tio meu se assumiu. Ele era irmão da minha mãe. Bem, se assumiu entre aspas, ele já tinha 35 anos, nunca se casou, morava em casa e recebia visitas constantes de outros homens. Mais uma vez as pessoas fingiam não ver [...] lembro-me até hoje quando escutei minha mãe conversando com um irmão ao telefone e dizendo “já soube? Seu tio é v.i(vi – viado). Aquilo me matou. Eu percebi o preconceito na voz dela. Outra vez minhas irmãs mais velhas e eu estávamos sentados junto a porta de entrada da minha casa com minha mãe quando passou pela estrada um garoto que tinha seus trejeitos afeminados, minha mãe logo começou a falar sobre. O papo fluiu em meio a risos e do nada minha mãe soltou “não seja viado para não agir como aquele menino” (JOÃO, 2017).

É possível notar a dor na fala do sujeito quando este se refere às situações em que sua mãe demonstrou preconceito com indivíduos que são gays ou, na visão dela, apontaram gestos que a fez pensar dessa forma. Mesmo esta não referir-se diretamente a João, ele sentiu o desconforto ao ouvir tais comentários por saber que a descoberta de sua sexualidade não agradaria sua mãe. De acordo com Natarelli, Braga e Silva (2015, p. 10)

Quando o adolescente começa a apresentar comportamentos considerados inadequados pela sociedade heteronormativa, o indivíduo começa a ser exposto a discursos homofóbicos, dentre outras formas de violência, como a simbólica, cujo intuito é “coagir” o sujeito a assumir seu papel de gênero (como um “homem” ou uma “mulher” deveriam agir).

Foi o que aconteceu com João, quando sua mãe percebeu que este poderia “se tornar” homossexual, utilizou de discursos homofóbicos para deixar claro que esse não era o seu desejo e que não apoiaria caso acontecesse. Nesse jogo psicológico, o indivíduo vai escondendo cada vez mais qualquer traço que possa deixar claro a sua homossexualidade, violentando sua personalidade e perdendo parte de sua essência, daquilo que ele realmente é.

O relato de Gabriel, nome que utilizamos para o último participante da pesquisa, é o maior de todos e aponta sobre suas características que o tornaram uma criança doce e sensível

¹⁵ Disponível em: <https://www.brasil247.com/pt/colunistas/leonardosarmento/318094/E-por-que-a-homofobia-ainda-n%C3%A3o-configura-um-crime.htm>

e a visão de sua família em relação a isso, conta de um episódio que marcou profundamente sua relação com os pais e como o preconceito o afetava.

Tenho raras lembranças de alguma manifestação de carinho do meu pai, assim na infância estive mais próximo da minha mãe e das minhas tias, mais tarde a feminilidade adquirida desta convivência seria notada e reprimida. Como nós éramos evangélicos na minha casa não podia ter televisão, pois era pecado, pelo menos na época, então eu amava ouvir a rádio, as músicas e a programação me preenchiam muito. Me encantava muito a voz de uma radialista, a única mulher da equipe, o riso dela parecia encontrar espaço na pronúncia de cada palavra e ela sempre estava feliz. Meu sonho era conhecê-la. Uma semana antes do meu sexto aniversário meu pai disse que havia ido até lá deixar meu nome e que no do meu aniversário ela iria mandar uma mensagem só para mim, meu coração quase explodiu, imaginar aquela voz falando comigo, nossa! “que besteira”, alguém pode dizer ao ler isso, mas eu era assim, doce. A tão esperada data seria em um sábado e na manhã da sexta eu estava embaixo de uma mesa antiga na casa da minha avó, ali era meu esconderijo, um lugar que ninguém me notava. Enquanto brincava ouvi minha mãe conversar com uma mulher que não me recordo quem era, elas conversavam sobre assuntos do dia a dia, quando a mesma começou a fazer uma série de indagações a minha mãe sobre mim: “O seu filho é mesmo sadio? Pense num menino esquisito! Todo mole, parece uma boneca. Não vai servir para nada, todo desmunhecado! Você devia levar ele na rádio e mandar anunciar lá pra ver se alguém fica com ele.” Minha mãe respondeu apenas que eu tinha saúde, em relação as outras colocações ela ficou calada. Depois que a mulher saiu olhei rapidamente e vi minha mãe chorando enquanto passava roupas, me esforcei para que ela não me ouvisse chorar também. [...] Meu pai teve a ideia de me levar até a rádio para conhecer a radialista, mas quando ele me falou que ia me levar lá eu só pude imaginar que ele me deixaria lá porque não me queria mais, lembro de não conseguir respirar e de sentir meu rosto dormente, chorei muito, mas não disse nada, abracei minha mãe mas sequer olhei para o rosto dela. Na volta para casa meu pai estava furioso pelo meu “escândalo”, brigava comigo e com minha mãe, dizia que culpa de eu ser daquele jeito era dela. Durante muito tempo acreditei que o plano só não foi para frente porque minha mãe entrevistou (GABRIEL, 2017).

O forte desabafo de Gabriel nos mostra o quão cruel a homofobia pode se tornar, tão tal que nem mesmo crianças que nem exercem sua sexualidade ainda são poupadas disso. A dor da criança ao achar que seria abandonada pela família não é em vão. Isso, na verdade, é o que acontece em muitos casos e de diversas formas.

Essas variadas violências apresentadas pelos participantes e vivenciadas a partir de experiências com parentes configuram a homofobia familiar, que são cruéis por partirem de pessoas que supostamente lhe apoiariam e ajudariam em suas problemáticas. Entretanto, o que temos comprovado nos relatos é justamente o contrário.

Schulman (2009, p. 70) trata das dimensões da homofobia familiar e destaca que

Elas podem variar desde pequenos desrespeitos a graus variados de exclusão, chegando a ataques brutais que deformam a vida da pessoa gay, ou até a crueldades diretas e indiretas que literalmente acabam com a existência daquela pessoa. É claro que o impacto disso irá variar de acordo com outros tipos de sistemas de apoio que a vítima consiga acessar, com o quão comprometida é a sua família no reforço da homofobia e com os tipos de intervenção realizados por terceiros. Caso os

preconceitos da família sejam flexíveis, caso a vítima tenha uma rede de apoio consistente e confiável e caso outros indivíduos na família ou na comunidade intervenham ativamente na denúncia, portanto, na mitigação do impacto da crueldade, a homofobia familiar pode ser um obstáculo desnecessário, mas superável.

Diante de tudo exposto podemos compreender que nem sempre a família é um grupo fraterno na qual o indivíduo sempre se sentirá confortável e acolhido, como é vendido desde a nossa infância. Basta que um filho não haja de acordo com os desejos de seus pais, que estes criam mecanismos psicológicos para fazer com que ele compreenda suas individualidades como algo errado.

É necessário problematizarmos a relação da família com a homossexualidade e a homofobia familiar e entendermos que nem sempre é neste meio que o indivíduo vai ter as totais possibilidades de desenvolver livremente suas características e, principalmente, sua sexualidade.

A família é a instituição com maior poder sobre o indivíduo e que tenta, muitas vezes até conseguindo, moldar as pessoas para seguirem os padrões que os patriarcas (termo que dá alusão ao patriarcado) querem. Com isso, muitos são obrigados a viverem vidas que não são exatamente as que desejavam e quando transgridem esse lugar correm o risco de sofrerem violências até mesmo de seus próprios pais.

3.2 – Autodescoberta e aceitação: compreendendo-se

O processo de exclusão vivenciado por sujeitos homossexuais desde suas primeiras experiências interpessoais vai deixando-o refém da sombra da incompreensão. É um grande estigma ser gay e um tabu falar sobre o assunto, tendo o sujeito que se identifica dessa forma a partir de sua adolescência, grandes conflitos por não saber do que realmente se trata, mas entender que aquilo que ele é, é visto como errado e que precisa ser combatido.

A partir daí, ocorre a recusa a si próprio, na qual o indivíduo procura de todas as formas se encaixar nos padrões que não condizem com aquilo que ele é, mas que são vistos socialmente como os padrões corretos a serem seguidos. Este então, luta de todas as formas para experimentar mecanismos que o aproximem da heterossexualidade, por compreender como a correta.

Ao tratar do processo de autoconhecimento referente à sua identidade sexual, Luis aponta que esta se deu logo no início da adolescência, coloca o tema como algo conflituoso, mas admite que mesmo naquela época, com acesso a informação, teve a oportunidade de

compreender que o seu desejo sexual era apenas uma de suas características e que isso não o fazia alguém menor.

Os conflitos internos de autocompreensão se iniciaram na adolescência a partir dos 13 anos de idade, entretanto com a busca de informações compreendi que a minha sexualidade além de particular, não interfere na minha formação enquanto indivíduo e muito menos na minha atuação na sociedade, portanto é algo que deveria ser entendida como minha singularidade assim como a de muitos outros seres humanos e respeitada por os demais (LUIS, 2017).

Os conflitos experimentados pelo sujeito são construções solidificadas pela heterossexualidade como base grupal a qual todos devem seguir. Nesse sentido, as identidades só podem ser validadas socialmente caso pertençam a um grupo que a legitimem. Podemos analisar na fala de Luís, palavras como “individualidade” e “singularidade”, que apontam certa solidão nos grupos que este fazia parte enquanto indivíduo gay.

Segundo Feres, Ferrarini, Bosco e Júnior (2012, p. 3)

A identidade é um elemento primordial da realidade subjetiva e que está diretamente relacionada com a sociedade, podendo ser cristalizada, mantida e ou remodelada pelas relações sociais, ou seja, a identidade só é possível ser formada se inserida num contexto grupal.

Sendo assim, um indivíduo que se identifica como alguém diferente do grupo a qual pertence, não terá sua diferença legitimada e muito dificilmente terá condições morais para conseguir essa legitimação neste grupo, tanto pela falta de apoio daqueles que se estabelecem dentro dos padrões grupais, quanto pela própria incompreensão do sujeito, que mesmo diferente também se constituiu aos moldes de pensamentos compartilhados por esse grupo.

Luís representa uma parcela da população gay que logo cedo consegue compreender suas questões e lidou com a dor da não compreensão de forma mais amena. Entretanto, esta experiência deve ser compreendida como uma particularidade do colaborador, visto que a maioria dos sujeitos e mesmo os demais que participam da pesquisa, tiveram processos muito dolorosos no início de suas descobertas.

Gustavo, ao contrário de Luis, nos apresenta sua história desvelando situações em que se sentiu reprimido por ser diferente dos outros sujeitos que faziam parte do grupo ao qual pertencia, ressaltando também a falta de compreensão em relação ao que se passava durante seu desenvolvimento, como aponta em trecho de sua escritura.

Desde muito cedo, ainda pequeno, percebi que havia algo em mim diferente dos outros meninos, não sabia do que se tratava e nem compreendia. E, por ser de certa forma “diferente” dos demais, havia, no meio no qual eu estava inserido,

preconceito e repressão por meio daqueles que se encaixavam nos rótulos ditados socialmente (GUSTAVO, 2017).

A fala do sujeito explicita com mais clareza a existência do preconceito sofrido por ser diferente dos demais que compunham os grupos aos quais o sujeito fazia parte. Vale ressaltar que os grupos citados podem ser relacionados à família, escola, amigos, comunidade e etc. e que tem grande influência sobre a visão do sujeito em relação a ele próprio, pois se este faz parte de um coletivo que não concorda com algum aspecto individual, o sujeito vai tentar modificar sua personalidade para que consiga ser aceito e aprovado pelos demais.

Essa discussão pode ser facilmente ligada aos debates relacionados às teorias do multiculturalismo na qual Taylor (1994, p. 26) afirma que “o reconhecimento não é uma questão de cortesia, mas uma necessidade humana. Isso porque pessoas e grupos podem sofrer danos reais se a sociedade os representa com imagens restritivas e depreciativas.”.

Assim, dentro dos grupos, vai sendo criada relações de poder na qual distinguem-se os corretos e saudáveis daqueles que devem ser punidos por serem diferentes e em seguida, readequados a norma, causando impactos fortes na personalidade dos indivíduos que sentem a necessidade de modificar os seus desejos mais naturais e instintivos para estar de acordo com o grupo que pertence ou deseja ter o direito de pertencer.

Gustavo ainda cita sobre o momento de sua vida, especificamente na adolescência, que precisa forçar-se a ter experiências heterossexuais que não condiziam com aquilo que ele realmente desejava, mas que partiam de uma necessidade de se encaixar nestes moldes socialmente construídos.

Na infância havia aquela dúvida do quê ou de quem eu realmente era. Levava tudo na inocência pelo fato de ser criança. Na adolescência foi mais difícil ainda, pois nesta fase é aonde as relações afetivas se tornam mais afloradas. Você começa a ter experiências, experiências estas que, por sua vez, estavam encaixadas na heteronormatividade, eram realizadas basicamente para satisfazer o ego de uma sociedade de mentalidade arcaica. E a partir dessas experiências você percebe que não quer aquilo, que por mais que você sofra, você quer fazer aquilo que lhe faz bem, aquilo que realmente lhe faz feliz, e daí você começa a ir contra tudo aquilo que é correto socialmente com apenas uma finalidade, amar a si mesmo do jeito que você é (GUSTAVO, 2017).

Há o esforço em ser aprovado pelo grupo que foi concebido como o correto, como aponta o colaborador, com ações que partem de desejos saudáveis e aceitos e “incorpora um conjunto crucial de distinções qualitativas. Pensar, sentir, julgar no âmbito de tal configuração é funcionar com a sensação de que alguma ação ou modo de vida ou modo de sentir é incomparavelmente superior aos outros” (TAYLOR, 1997, p. 35), ou seja, a heterossexualidade é posta como superior à homossexualidade.

A ideia de que a homossexualidade não pode ser legitimada é tão fortalecida que consegue afetar o indivíduo desde sua infância, como aponta João, colaborador da pesquisa que cita sobre a culpa em sentir atração por outros meninos ainda com seus sete anos de idade, na qual mesmo sem compreender de onde surgia esse desejo, já o reconhecia com remorso.

É clichê dizer que eu sempre me senti diferente dos demais meninos, mas isso é verdade. É engraçado – e um pouco sem nexos – quando recordo-me do meu primeiro pensamento a cerca da homossexualidade. Lembro que fazia sol, não era nem tão quente nem tão frio. Eu estava indo em direção a minha casa, atravessei um mato um tanto crescido já, estava carregando um brinquedo – um pato ou um avião, só lembro que era amarelo -, e durante essa travessia estava a pensar sobre certa atração que eu sentia pelos meninos, no fundo eu pensava ter culpa, embora eu não pudesse fazer nada para reverter aqueles sentimentos. Eu tinha seis ou sete anos e eu já sentia remorso por algo irreversível. E eu não tinha ninguém que eu pudesse compartilhar (JOÃO, 2017).

Imaginar a dor desse sentimento de culpa em uma criança é terrível, pois não há nenhuma maturidade cognitiva de compreensão, para conseguir entender que tais questões não são de responsabilidade do sujeito e que não há escolha em relação a isso. As coisas são como são, é o que deveria ser ensinado desde o início de nossas vidas.

Esses processos que indivíduos homossexuais experimentam desde a infância configuram a heteronormatividade que para Warner apud Britzman (1995, p. 8) é uma “obsessão com a sexualidade normalizante, através de discursos que descrevem a situação homossexual como desviante” e que não permitem que crianças e adolescentes sintam-se confortáveis com as primeiras manifestações de seus desejos sexuais.

Tudo isso vai causando transtornos sociais e excluindo o indivíduo de experiências de relacionamento com outras pessoas e grupos, por não considerar a possibilidade da aceitação e compreensão de terceiros referentes às suas particularidades, como aponta João em sua colaboração ao falar que não possuía amigos e que experimentava uma solidão até mesmo dentro de casa, com sua família.

Digo transtornos pelo motivo de não conviver socialmente com os outros. Eu queria ter a vida daqueles meninos e meninas, sair durante a noite, pertencer aquelas festas, etc. Eu não conseguia, era totalmente introspectivo, tinha medo de andar com particularidades femininas, trejeitos. Eu era preso dentro de mim mesmo. Não tinha amigos, os colegas da escola eram apenas isso, colegas. Eu vivia muito sozinho, mesmo em casa com todas aquelas pessoas, eu vivia sozinho (JOÃO, 2017).

Assim, as questões sexuais dos sujeitos vão sendo escondidas por eles próprios, criando uma atmosfera de segredo e ocultação, na qual não se deve falar de sua sexualidade por ela

não pertencer ao grupo heterossexual dominante. Tal segredo é seguido da vergonha em ser o que é e em não estar de acordo com a norma.

Para Laird (1994, p. 246)

Os segredos têm sido vistos como conspiratórios, em geral surgindo e sendo reforçados por experiências que amparam respostas tais como vergonha, culpa, humilhação e medo. São vistos como ligando a família e particularmente os membros que manifestam sintomas, de modos rígidos e disfuncionais, como mantendo paradoxos e determinados interesses de poder, restringindo a informação, e cortando o acesso a um conhecimento e mudança necessária.

Dessa forma, mesmo que os demais indivíduos consigam interpretar traços comportamentais que possam estar ligados à homossexualidade, esta ainda é mantida em segredo. Tratar os indivíduos gays de forma a silenciar seus sentimentos e esconder sua personalidade, é função da heteronormatividade, que não admite que seja construída a visão de normalidade e naturalidade referente às diversas formas de manifestação da sexualidade humana.

O sentimento de aceitação e compreensão é o primeiro passo para que indivíduos homossexuais possam experimentar o sentimento de normalidade e de pertencimento. João relata sobre o momento em que falou sobre sua sexualidade pela primeira vez com uma amiga e o quanto o episódio o fez sentir-se livre.

A primeira vez que me assumi para alguém foi aos meus 16 anos de idade, por meio de uma mensagem de texto para uma amiga que trato como irmã. A cena da minha saída do armário parecia com a de uma série, choramos, nos abraçamos, sorrimos e fomos dormir, afinal foi no meio de uma madrugada. Ela morava comigo na época, e essa era a única (e melhor) companheira que eu tinha. Eu me sentia livre, mesmo que o resto do mundo ainda não soubesse sobre mim ainda, saber que pelo menos alguém me compreendia já era o bastante (JOÃO, 2017).

A compreensão dos outros em relação a suas próprias questões é a peça chave para a autoaceitação. Entender que as pessoas que te amam continuarão te amando após sua “saída do armário”, faz com que todos os medos sejam amenizados e o sujeito possa enfim entender que seus desejos também são naturais.

Na esteira desse pensamento, Britzman (1995, p. 2) fala que

Quando se trata de questões de desejo, de amor e de afetividade, a identidade é capaz de surpreender a si mesma: de criar formas de sociabilidade, de política e de identificação que desvinculem o eu dos discursos dominantes da biologia, da natureza e da normalidade.

Contar para alguém de confiança pode ser um desses mecanismos de sociabilidade e identificação citados pela autora. O relato de Gabriel é parecido com o de João quando cita a

dificuldade que tinha de interação com outras pessoas, de comunicação e até mesmo a dificuldade de caminhar livremente.

Ao longo de todo o meu desenvolvimento enquanto pessoa tive problemas para me comunicar. O meio escolar era uma tortura, nunca conseguia caminhar livremente nos corredores ou no pátio, achava que meu caminhar me denunciava, que meu falar era patético e coisas assim. Depois de tantas situações constrangedoras passei a reconhecer o ódio no olhar das pessoas, isso me ajudou a evitar situações desgastantes (GABRIEL, 2017).

Quando o participante cita o ódio no olhar das pessoas, ele não exagera. Para Sanders (1994, p. 225) existem grupos anti-homossexuais que “consideram as mulheres e os homens homossexuais como pessoas inferiores, irresponsáveis, imorais, fracas, doentes e com menor capacidade para a vida.”.

Esses grupos, ao contrário do que se pensa, não são específicos e distantes da nossa realidade. Eles compõem a sociedade e formatam o sistema homofóbico que mata e tira direitos sociais de sujeitos que não podem usufruir da liberdade de ser quem são e ter desejos sexuais e atrações por pessoas de mesmo gênero.

Toda essa exclusão a qual homossexuais são expostos, causam danos enormes à saúde mental desses sujeitos, fazendo com que muitos não consigam chegar ao processo de aceitação e tenham experiências com depressão e até mesmo ideações suicidas, como é o caso de Gabriel.

Tive também início de depressão, ideações suicidas que me perseguem até hoje. As vezes a própria classe LGBTQAQ nega alguns problemas que temos de enfrentar durante toda a vida, essa alegria forçada disfarçada de empoderamento esconde a dor de sermos indefesos em muitos contextos (GABRIEL, 2017).

Émile Durkheim, filósofo francês importante debruçou parte dos seus estudos para entender os fenômenos sociais que o causam o suicídio e para ele (2000, p. 391)

Os suicidas constituem uma minoria ínfima dispersa pelos quatro cantos do horizonte. Cada um deles realiza seu ato separadamente, sem saber que outros fazem o mesmo por seu lado; no entanto, enquanto a sociedade não muda, o número de suicidas é o mesmo. Portanto, todas as manifestações individuais, por mais que pareçam independentes umas das outras, na verdade devem ser produtos de uma mesma causa ou de um mesmo grupo de causas que dominam os indivíduos.

No caso dos homossexuais que sentem a necessidade de tirarem sua própria vida, como o caso de Gabriel em determinado momento de sua vida, podemos sugerir apoiados nos estudos de Durkheim que há uma causa específica e comum para que estes indivíduos tenham esses sentimentos e essas ideações.

É certo que jovens heterossexuais também tem problemas referentes à depressão e ideação suicida, mas de acordo com matéria publicada no site <http://revistagalileu.globo.com>, segundo pesquisa do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos EUA¹⁶, o índice de tentativa de suicídio entre jovens LGBT é quatro vezes maior do que entre jovens heterossexuais.

O site <https://esquerdaonline.com.br> publicou uma matéria que explana sobre uma pesquisa realizada na Universidade de Columbia (EUA) para

avaliar a relação entre orientação sexual e o suicídio de pessoas jovens com cerca de 32.000 participantes anônimos, alunos de escola pública entre 13 e 17 anos. Os resultados foram nefastos: adolescentes lésbicas, gays, bissexuais e transexuais estão cinco vezes mais propensos a tentar suicídio que heterossexuais.¹⁷

Nestes casos, não podemos encontrar nenhuma outra causa referente ao fenômeno do suicídio a não a ser a discriminação experimentada por indivíduos LGBT desde sua infância e reforçada principalmente durante a adolescência, período em que as experiências que afloram a sexualidade são mais profundas.

Todas essas situações citadas pelos participantes os colocam diante de questões que abalam a sua saúde mental e gera desconforto consigo mesmo, fazendo com que muitos percam sua essência e não reconheçam a sua importância e o seu papel no mundo. Na última fala de Gabriel referente à suas questões de auto compreensão, ele explana sobre isso.

Mas a verdade é que passei tanto tempo fingindo ser outra pessoa, sem poder ser eu, que de alguma forma não sei como “ser eu”. Não me identifico com as coisas, não me sinto em casa, sinto-me querido por tantas pessoas mas não considero sentir o mesmo por elas. Ainda sou aquela criança que se sente deslocada em todos os lugares, que se sente deslocada dentro do próprio corpo. Cresci, mas não pertencem a ninguém e a lugar nenhum. Talvez as coisas fossem diferentes se eu não tivesse precisado fugir, se eu tivesse me orgulhado da minha letra, pudesse fazer parte do grupo das meninas, desenvolvesse minhas habilidades de relacionamento desde a adolescência... Mas esse não sou eu e acima de tudo preciso ser forte (GABRIEL, 2017).

Ainda sou aquela criança que se sente deslocada dentro do próprio corpo, cita Gabriel. Talvez essa sensação sempre nos acompanhe. Talvez nunca compreendamos de fato quem somos e o motivo pelo qual somos assim. Mesmo compreendo todas as teorias que postulam sobre essas questões, ainda é difícil se amar quando a sociedade tenta te exterminar.

¹⁶ Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2017/05/brasil-ainda-e-o-pais-que-mais-assassina-lgbts-no-mundo.html>

¹⁷ Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2016/09/18/suicidio-lgbt-as-manchas-de-sangue-da-discriminacao/>

Talvez quando conseguirmos extinguir as mortes de LGBT por motivos de ódio, quando não tivermos mais homossexuais expulsos de casa, agredidos pela família e na escola, quando tivermos maior respeito pelas mulheres lésbicas e pelas pessoas bissexuais, quando conseguirmos dar mais voz e espaço para trans e travestis, consigamos enfim sentir nossa identidade legitimada.

Não é um pedido de licença, não é a ocupação de um espaço que não nos cabe. O nosso espaço existe porque nós existimos e não precisamos nos desculpar por sermos quem somos, precisamos ser respeitados e entendidos. Precisamos acima de tudo, que nossos assassinos sejam condenados pelos motivos que os fazem nos matar, a homofobia.

3.3- Inserção nos grupos

Diante de tais situações de exclusão e discriminação relatadas pelos sujeitos participantes da pesquisa, cabe investigarmos as relações com os grupos aos quais fizeram parte no decorrer de sua vida, compreendermos como suas identidades eram validadas nesses espaços e desvelarmos situações nas quais sofreram violências homofóbicas.

É importante reafirmarmos que qualquer grupo social constituído na pós-modernidade, é instaurado a partir da cultura heterossexual dominante carregada de estigmas que coloca sujeitos homossexuais em situações desconfortáveis dentro desses agrupamentos, experimentando situações em que suas identidades são desrespeitadas, silenciadas, invisibilizadas e até mesmo exterminadas.

Luis, participante da pesquisa que em todas as suas falas opta por descrever poucos eventos e situações vivenciadas ao longo de sua vida enquanto sujeito homossexual, nos apresenta uma realidade nem sempre vivida por pessoas LGBT, a de participação e pertencimento. Ele destaca que seu envolvimento em atividades dos grupos ao qual pertenceu, fez com que fosse reconhecido e respeitado.

Na escola sempre estive a frente de diversas iniciativas promovidas internamente, portanto ocupei espaços que permitiram que eu fosse reconhecido e respeitado, reflexo até hoje no nível superior que desde o meu ingresso na universidade encaro lutas em combate as opressões, em destaque a luta contra a lgbtfobia (LUÍS, 2017).

O participante destaca sua luta ao combate a discriminação contra pessoas LGBT dentro do contexto universitário. Tal luta evidencia as dificuldades em legitimar identidades sexuais que fogem do normativo heterossexual e perpassa a ideia de cidadania como algo restrito a essa população. As lutas são importantes, pois foram elas que nos fizeram chegar a um

patamar em que, minimamente, somos reconhecidos enquanto sujeitos de direitos a partir das nossas particularidades.

Sobre o movimento LGBT e a afirmação de direitos a partir de suas lutas, Lopes (2005, p. 7) evidencia que

A afirmação do direito dos homossexuais não ocorre de forma linear e simples, mas sim de maneira problemática. Esses direitos não são sempre e necessariamente reconhecidos ou apoiados por aqueles que se dizem convencidos da bondade moral – seja da democracia ou dos direitos humanos universais. De fato, não foi apenas contra visões tradicionalistas do mundo que os homossexuais tiveram de lutar. Não poucas vezes tiveram de lutar contra grupos de aparente inclinação pela liberdade. Isso é particularmente evidente no Brasil, onde liberalismo muitas vezes significa apenas a defesa do livre comércio e da livre iniciativa empresarial.

Essas lutas são necessárias até hoje, em todos os grupos sociais que existam pessoas LGBT, pois a heterossexualidade compulsória idealiza a noção de que as homossexualidades são desviantes e precisam ser tiradas de circulação desses grupos, ou ao menos, inferiorizadas em relação aos outros sujeitos que não são gays. Esse mecanismo se dá a partir da normalização e naturalização da heterossexualidade, que de acordo com Silva (2000, p. 83)

Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa.

Essa ideia de naturalização da heterossexualidade é amplamente discutida por autores que se debruçam sobre as questões de diversidade sexual. É unânime a compreensão de que entender pessoas heterossexuais como “normais”, não tem o propósito de especular sobre a heterossexualidade, mas de demonizar as próprias homossexualidades.

Ao eleger determinadas identidades como legítimas, colocam-se do outro lado todos aqueles que não fazem parte desse grupo. Criam-se, dessa forma, grupos sociais marginalizados aos quais são negados direitos básicos que são dados livremente aos sujeitos que posteriormente tiveram suas vivências eleitas como saudáveis – os heterossexuais.

Louro (2000, p. 10) se preocupada em questionar a maneira como a heterossexualidade é concebida e para ela

Esses mecanismos operam, fortemente, no campo da sexualidade. Aqui, uma forma de sexualidade é generalizada e naturalizada e funciona como referência para todo o campo e para todos os sujeitos. A heterossexualidade é concebida como "natural" e também como universal e normal. Aparentemente supõe-se que todos os sujeitos tenham uma inclinação inata para eleger como objeto de seu desejo, como parceiro

de seus afetos e de seus jogos sexuais alguém do sexo oposto. Consequentemente, as outras formas de sexualidade são constituídas como antinaturais, peculiares e anormais. É curioso observar, no entanto, o quanto essa inclinação, tida como inata e natural, é alvo da mais meticulosa, continuada e intensa vigilância, bem como do mais diligente investimento.

Um dos grupos em que há forte pressão do patriarcado em formar sujeitos “machos”, evidenciando a divisão entre coisas de meninos e de meninas é a escola. Tal ambiente deveria ser lugar de acolhimento, diversão e aprendizado, mas muitas vezes se torna o espaço em que as maiores violências com pessoas LGBT ocorrem. Gustavo relembra suas vivências escolares e cita até mesmo violências físicas causadas neste lugar.

Já na escola o preconceito e repressão eram mais incisivos, principalmente por meio dos colegas de turma. Havia xingamentos como “baitola”, “viadinho”, “mocinha”, entre outros, fora que havia literalmente a agressão física. E essas agressões eu não compartilhava com ninguém, pois tinha medo de dizer o motivo das agressões e ser mais reprimido ainda. Eu sofria calado. (GUSTAVO, 2017)

Situações como essas não são difíceis de ouvir quando se trata de relatos sobre sujeitos homossexuais no ambiente escolar. A escola se torna um lugar de violência para essas pessoas, que a partir disso passam por conflitos internos por não compreenderem sua identidade “fazendo com que, desse modo, jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejados ou ridículos”, como afirma Louro (1997, s/p).

A violência causada pela homofobia na escola é um retrato do desejo da sociedade heteronormativa em excluir pessoas LGBT do convívio com os demais, vitimando muitos jovens a não poderem usufruir de condições de vida capazes de proporcionar bem-estar, auto estima e prazer em ser quem são.

No que diz respeito a violência física causada a partir de relações construídas dentro do ambiente escolar, podemos citar o caso de Lucas Salvattore, estudante de 18 anos que de acordo com o site <https://www.pragmatismopolitico.com.br> foi agredido e ameaçado de morte por colegas de turma na saída da escola, simplesmente por ser gay.

O estudante de 18 anos foi espancado por cinco jovens na porta da sua escola, em São José dos Campos (SP). Lucas conta que já tinha avisado à diretoria da escola que vinha sofrendo agressões verbais de um dos alunos. Ao ser informada do problema, a direção teria trocado Lucas de turma. Mesmo com a transferência de turma, porém, o bullying continuou. Lucas afirma que o antigo colega de classe e mais 4 colegas o atacaram saindo da escola, com o primeiro dizendo que ia matá-lo. De acordo com a Secretaria de Educação de São Paulo, a escola suspendeu os cinco alunos acusados de espancar Lucas. Além disso, o caso foi registrado na Polícia Civil do estado, e a escola se pôs à disposição para ajudar nas investigações.¹⁸

¹⁸ Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/03/o-relato-chocante-de-um-estudante-vitima-de-violencia-homofobica.html>

Segundo publicação no site <http://www1.folha.uol.com.br> “73% dos jovens entre 13 e 21 anos identificados como LGBT foram agredidos na escola em 2015 por conta da sua orientação sexual”¹⁹ Os dados foram coletados a partir de uma pesquisa que ainda evidenciou que o Brasil é o país com maior incidência de violência contra homossexuais entre os países pesquisados (Brasil, Argentina, Colômbia, Peru, Chile, Uruguai).

Esses dados são alarmantes, mas não são surpreendentes. A escola é um espaço nefasto para sujeitos homossexuais, pois é nele que as relações de poder são fortalecidas, os grupos se formam e as definições daqueles que são ou não aceitos nos grupos são estabelecidas.

Tudo isso vai deixando os homossexuais de fora das interações sociais, não possibilitando que estes possam fazer amizades com facilidade e tenham pessoas a quem possam confiar seus relatos e suas vivências. João, no relato de suas experiências, aponta que só conseguiu fazer amizades com o tempo, quando se tornou mais sociável e pôde assumir-se para essas pessoas.

Com o passar do tempo fui fazendo mais amizades, tornando-me mais sociável ao ponto de me assumir para mais quatro “amigas”. Essas aspas foram colocadas justamente pelo fato de que logo depois de me assumir pra elas, o meu nem tão segredo assim começou a se espalhar pela escola, fazendo com que o término do médio, eu saí praticamente assumido para todos. Menos para os meus pais. Me assumir para os meus pais ainda é uma questão difícil para mim, falta-me coragem e palavras (JOÃO, 2017).

Deixar a sexualidade na esfera do segredo, como faz João até hoje com sua família, é um mecanismo que muitos escolhem para não sofrerem mais ainda por não se sentirem aceitos. Revelar a homossexualidade é colocar materialidade em tudo que o indivíduo sofreu durante sua vida, é dar respaldo para os xingamentos dados em sua infância pelos colegas de escola e aos motivos das repreensões feitas por seus pais.

Para Borrillo (2009, p. 18) “a homofobia não se limita a constatar as diferenças: ela interpreta e tirar conclusões materiais. Assim, se o homossexual é culpado do pecado, sua condenação moral aparece como necessária e a purificação pelo fogo inquisitorial é uma consequência lógica.”.

No caso de João, o seu medo em falar de sua sexualidade pra sua família é justamente pelas conclusões materiais que estes farão, como citado por Borrillo. Tais conclusões referentes ao desejo homossexual e suas práticas, colocam o sujeito de frente à cultura

¹⁹ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/11/1834166-73-dos-jovens-lgbt-dizem-ter-sido-agredidos-na-escola-mostra-pesquisa.shtml>

heterossexista tão propagada durante sua criação inteira, fazendo com que o indivíduo gay se sinta culpado por não atingir as metas planejadas para sua vida.

As vivências de Gabriel referente aos grupos aos quais pertenceu durante sua vida, não destoam das demais contribuições e este não teve relações saudáveis com seus amigos, retratando que estas amizades eram abusivas e não permitiam que ele se conectasse com suas individualidades.

Hoje penso no ensino médio lembrando dos inseparáveis amigos, percebo que não consigo lembrar seus traços ou sequer seus nomes, acho isso fantástico. Quantas vezes tive de aceitar amizades agressivas, onde eu não podia ser “eu” nem por um minuto e hoje não dar significado para essas pessoas já é uma grande evolução (GABRIEL, 2017).

O fato de Gabriel se esquecer desses indivíduos pode ser interpretado como um mecanismo de defesa de seu subconsciente, na qual as pessoas que em determinado momento o fizeram mal não fazem mais parte de suas memórias. Contudo, o fato de terem sido esquecidas, não o tornam menos influentes nas angústias experimentadas por Gabriel no decorrer de suas experiências referentes à sua sexualidade.

Loiola (2005, p. 32) ressalta que essas experiências violentas fazem parte da cultura heterossexual e que

no campo da sexualidade esta cultura determinou a heterossexualidade como hegemônica – síntese do machismo, selecionando as características individuais para cada sujeito mediante o gênero a que pertence, causando sérias implicações para as relações sociais e sexuais. De modo que, ao nascer, o indivíduo já leva impresso consigo um roteiro definido para seu comportamento de homem ou de mulher.

Assim, a homossexualidade vai sendo excluída dos debates sociais, sendo marginalizada e colocada de lado por não considerarem as vivências de gays como representações importantes a serem compreendidas e analisadas em um contexto mais amplo da sexualidade como campo de desejo livre, sem implicações das construções de verdades absolutas.

A sexualidade é acima de tudo um espaço de experimentação. Só a partir disso podemos compreender com clareza as diversas opções que temos no campo sexual, sem nos afastarmos de nenhuma delas, nem tampouco colocarmos indivíduos como normais em detrimento de outros vistos como anômalos.

É preciso romper com os preceitos sociais que ditam a heterossexualidade como a única opção saudável e correta, que acaba ditando não só as relações sexuais dos indivíduos, mas a maneira como cada um se comporta diante das diferenças. Só assim, poderemos diminuir os

índices de pessoas LGBT mortas no Brasil por crime de ódio. Só assim, teremos mais espaços de atuação para esses sujeitos. Só assim, respeitaremos a cidadania de todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa se preocupou em compreender as dimensões em que a homofobia afeta vida de sujeitos homossexuais, através do relato de vivências de homens gays alunos da UFPI/CSHNB. Traz, no decorrer de toda a sua discussão, reflexões acerca dos mecanismos sociais que amparam a heterossexualidade como produto natural humano, colocando as demais sexualidades em desordem e conflito.

Preocupamo-nos em responder o seguinte questionamento: Como se constituem as identidades de homens gays dentro do cenário acadêmico? A partir da questão problema, conseguimos identificar a maneira como se constroem as identidades desses sujeitos, nos dando o resultado de que há gritantes conflitos para que homens gays consigam compreender suas questões sexuais e colocá-las em ordem, reconsiderando tudo que foi apreendido socialmente desde sua infância.

Analisando como se dá a construção social desses sujeitos gays acadêmicos da Universidade Federal do Piauí, percebemos que houve bastante resistência para que estes pudessem compreender sua sexualidade visto que não há representações sociais que possam amparar essas identidades e que dê luz aos sentimentos de culpa por não estarem de acordo com o que sempre os ensinaram.

Traçamos, no decorrer do trabalho, o perfil dos participantes, a medida em que conversamos sobre os mecanismos que transformam o indivíduo gay em algo nefasto e que precisa ser compatido. A partir disso, conseguimos refletir sobre como se dá a construção da identidade homossexual dentro do sistema heterossexista mantido a anos por instituições como família, igreja, medicina e escola.

Ao chegarmos aos dados da pesquisa, pudemos compreender a relação dos colaboradores com a família, sendo esta muitas vezes conflituosa. Os relatos mais marcantes

dizem respeito às situações vivenciadas pelos indivíduos dentro de casa, na qual pais, mães, irmãos (as), utilizaram de mecanismos violentos para tentar evitar a homossexualidade destes. Muitos relatos nos apontam grandes angústias dos sujeitos em relação à instituição família e pudemos entender, através das experiências, que as primeiras situações de discriminação vividas pelos homossexuais são experimentadas dentro de casa.

Analisamos, a partir da segunda categoria, os conflitos internos que os participantes enfrentaram e continuam enfrentando por serem gays em uma sociedade que não tolera que a homossexualidade exista livremente. Sobre os achados, destacamos relatos em que os sujeitos identificam grandes transtornos sociais nos quais ainda não conseguiram alcançar um bom estágio de auto aceitação e auto estima, influenciando nas suas relações pessoais e interação com os grupos. Há, mesmo nos sujeitos que compreendem a legitimidade de sua sexualidade, grandes traumas que acabam afetando até mesmo sua saúde psicológica, exemplo do participante que cita ideação suicida e depressão como algo que o acompanha até hoje.

No que diz respeito à relação destes sujeitos com os grupos sociais pertencentes no decorrer de suas vidas, estes apontam a escola como o espaço em que mais tiveram dificuldade de lidar com sua própria identidade. Indicam a adolescência como sendo o período em que as situações vivenciadas por eles passam a ser mais incômodas e as diferenças se tornam mais acentuadas. Muitos não mantêm relação com os colegas de escola ou amigos de infância e relatam sobre momentos muito solitários e o sentimento de não pertencimento a nenhum grupo social.

A importância das reflexões situadas neste trabalho são emergenciais, pois diz respeito a situação de milhares de pessoas que não tem garantia nem sequer de que continuarão vivos no dia seguinte. Muitas crianças estão sendo limitadas e não compreendem porque não podem agir de tal maneira, brincar com tal brinquedo, usar tal cor de roupa. Adolescentes estão se matando por considerarem seus desejos como pecados. Muitas pessoas carregam processos difíceis de serem compreendidos simplesmente por que a sociedade decidiu de forma arbitrária que alguns sujeitos são superiores a outros e, portanto, devemos marginalizar os considerados inferiores.

Estar do lado inferior afeta diretamente nas potencialidades de auto conhecimento dos sujeitos. Passamos muito tempo odiando nosso próprio corpo, reprimindo nossos desejos, tentando disfarçar nossos trejeitos, a forma como falamos, gesticulamos, andamos. Passamos muito tempo tentando não ser nós mesmos. Tudo isso machuca, é muito doloroso e nem sempre todos nós conseguimos suportar tamanha pressão psicológica.

É importante aprofundarmos mais os estudos nas questões de sexualidade, assim como as construções sociais que distorcem as identidades dos sujeitos e não permitem que esses se constituam de forma livre, considerando todas suas reais possibilidades, sem restrições aos moldes pré-estabelecidos.

No estudo em questão, discutimos a identidade de sujeitos homossexuais, por questões de identificação pessoal do pesquisador. Porém, compreendemos a importância de discussões voltadas para às identidades de pessoas bissexuais, lésbicas, travestis, transexuais, gêneros fluidos e *queers*, além dos pansexuais e os que se identificam como assexuais e até mesmo intersexos. São diversas as sexualidades e diversas as possibilidades, por que continuamos dando mais valor apenas a heterossexualidade?

Outros recortes podem ser feitos, como o estudo do homem gay negro; as identificações infantis com a sexualidade; a homossexualidade em contextos periféricos; adolescência e homossexualidade; saúde mental de gays frente à homofobia e etc. As vertentes de possibilidades de pesquisa em torno da sexualidade humana são infinitas e é importante que, em determinado momento, possamos abraçar cada vez mais todas essas especificidades, para darmos mais representatividade a todos os sujeitos e grupos sociais.

Optamos ainda, no decorrer do trabalho, em trazer casos marcantes de sujeitos mortos e/ou violentados por serem gays, das mais diversas e brutais formas. Não foi objetivo do pesquisador deixar a leitura do trabalho pesada, caso tenha ocorrido, mas sim dar espaço para esses sujeitos que morreram na tentativa de legitimação de sua essência, de quem eles realmente eram. É também um alerta sobre os perigos inerentes ao indivíduo homossexual dentro do sistema machista que cria a homofobia através mecanismos sutis mas que, ao longo do tempo, cria também assassinos.

Enquanto sujeito pesquisador, os aprendizados abarcados neste trabalho foram de suma importância para minha formação acadêmica e humana. Há uma enorme identificação pessoal nos relatos dos participantes e por vezes foi difícil articular ideias a situações tão dramáticas e dolorosas. Porém, maior ainda foram às compreensões acerca da sexualidade humana construídas por este.

Que estas considerações sirvam de reflexão sobre a forma como lidamos com a sexualidade do outro e com a nossa própria sexualidade. Eu, sujeito heterossexual, compreendo a minha sexualidade como a norma correta? O que tenho feito para desconstruir a ideia de normalidade da heterossexualidade, visto que esta automaticamente confere o caráter de anormal a todos que não são heterossexuais? Em quais medidas eu me coloco como

superior ao outro? Compreendo as relações de poder estabelecidas entre hetero/homossexualidade?

São questionamentos que ficam para que possamos não concluir a discussão ao fim da leitura deste trabalho. Ainda há muito a refletir, muito a aprender sobre a sexualidade e mais ainda, sobre a necessidade de abrir mão de privilégios quando estes não são direitos sociais para todos. Andar de mãos dadas com a pessoa que você ama é um direito? Para muitos é o motivo de sua morte. Que as reflexões não terminem por aqui.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.
- ALMEIDA, Daniel Mazzaro Vilar. **Por que estudar o discurso homossexual e o homossexual no discurso?** Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Pos_Graduacao/Doutorado/Letras/Cadernos/Volume_2__2013/10_Daniel_Mazzaro_Vilar_de_Almeida_UFMG.pdf. Acesso em: 08 de setembro de 2017.
- BORRILLO, Daniel. **A Homofobia. In: Homofobia e educação: um desafio ao silêncio**. Tatiana Lionço; Débora Diniz (orgs.). Brasília: LetrasLivres/Ed.UnB, 2009.
- BRITZMAN, Deborah P. **O Que é Esta Coisa Chamada Amor?**; identidade homossexual, educação e currículo. 1995. Mimeo.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. 3ª edição.
- CARVALHO, Salo. **Sobre a Criminalização da Homofobia: perspectivas desde a criminologia queer**. Revista Brasileira de Ciências Criminais, v. 99, p. 197.
- DAY, Vivian Peres et al. **Violência doméstica e suas diferentes manifestações**. Revista de psiquiatria. v. 25, suplemento 1, Abril, 2003.
- DIAS, Maria Berenice. **União homoafetiva: o preconceito & a justiça**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 4.ed., 2009.
- DIETER, Cristina Ternes. **As raízes históricas da homossexualidade, os avanços no campo jurídico e o prisma constitucional**. Disponível em: http://www.ibdfam.org.br/_img/artigos/As%20ra%C3%ADzes%20hist%C3%B3ricas%2012_04_2012.pdf. Acesso em: 03 de setembro de 2017.
- DURKHEIN, Émile. **O suicídio: estudo de sociologia**. Tradução: Mônica Stahel – São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Garamond Universitária, 2005. Rio de Janeiro.
- FERES, Karin Osório; FERRARINI, Lucas; BOSCO, Faculdade Dom; JÚNIOR, Décio Zanoni. **Homossexualidade: diferentes identidades e estilos de vida**. Disponível em: http://www.dombosco.sebsa.com.br/faculdade/revista_10ed/arquivos/pdf/dezembro2012_artigo10_2.pdf. Acesso em: 24 de setembro de 2017.
- FOUCAULT, M. (1999). **História da sexualidade – Vol. I: A vontade de saber**. 13ª. Ed. Rio de Janeiro: Graal. (Obra originalmente publicada em 1984).
- FRANÇA, Maria do Socorro Lima Marques. **O professor e a leitura: histórias de formação**. 2007.

Fortaleza. Disponível em: <http://www.uece.br/ppge/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20SOCORRO%20FRAN%C3%87A.pdf> acesso em: 08 de Novembro de 2017

FRY, Peter. **O que é homossexualidade**. Editora Brasiliense, São Paulo. 1993.

HEILBORN, Maria Luiza; SORJ, Bila. **Estudos de Gênero no Brasil**. In: O que ler na Ciência Social Brasileira (1970-1995). Sociologia (Volume II). São Paulo: Sumaré/ANPOCS.

LAIRD, Joan. **Segredos das Mulheres: os silêncios das mulheres**. In: IMBER-BLACK, Evan. Os Segredos na Família e na Terapia Familiar. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

LOIOLA, Luís Palhano. **Diversidade Sexual: para além de uma educação escolarizada**. 2005. 189 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação – FACED, Universidade Federal do Ceará, 2005.

LOPES, Moisés Alessandro de Souza. **Homossexuais têm direitos? Sentidos jurídico-políticos no debate/embate da parceria civil**. in MNEME: revista de humanidades, v. 07, n. 14, fevereiro-março de 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. 2ª edição. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar – o que é? Por quê? Como fazer?** LEPED/
MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>. Acesso em: 08 de Setembro de 2017.

MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014/24650>. Acesso em: 05 de Outubro de 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1993.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, 1999. Disponível em: http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html acesso em: 02 de Setembro de 2017.

NATARELLI, Taison Regis Penariol; BRAGA, Iara Falleiros; SILVA, Marta Angélica Iossi. **O impacto da homofobia na saúde de adolescentes homossexuais**. Disponível em: <http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2015/07/enl35.pdf>. Acesso em: 25 de Setembro de 2017.

POLLAK, Michael. **Os homossexuais e a AIDS: sociologia de uma epidemia**. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3ª edição. São Paulo, SP: Atlas, 2012.

RIOS, Roger Raup. **O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação**, in: RIOS, Roger Raup.(org.). Em defesa dos direitos sexuais. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2006.

ROCHA, Rachel Macedo. **Homofobia e educação. Uma reflexão sobre a exclusão de travestis e transexuais no espaço escolar**. Disponível em: http://www.2014.gepsexualidades.com.br/resources/anais/4/1405470526_ARQUIVO_SeminaroVitoriaFinal.pdf. Acesso em: 26 de Outubro de 2017.

RODRIGUES, José Luís Pinto. **Impressões de Identidade: historias e estórias da formação da imprensa gayno Brasil**. Tese de Doutorado apresentada na Universidade Federal Fluminense, Centro de Estudos Geerais, Instituto de Letras, Fevereiro de 2007. Rio de Janeiro.

SCHULMAN, Sarah. **Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento**. New York Institute for the Humanities na New York University (NYU). 2009.

SILVA, Valdir Pierote; BARROS, Denise Dias. **Método história oral de vida: contribuições para a pesquisa qualitativa em terapia ocupacional**. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/14087/15905>. Acesso em: 17 de Setembro de 2017.

SILVA, Thomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOLIVA, Tiago Barcelos. **Família e homossexualidade: uma análise da violência doméstica sofrida por jovens homossexuais**. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278084309_ARQUIVO_FAMILIAEHOMOSSEXUALIDADE.pdf. Acesso em: 02 de Outubro de 2017.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. **Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?)**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342003000200014. Acesso em: 04 de Setembro de 2017.

TAYLOR, C. 1994 [1992]. **The Politics of Recognition**. In : GUTMANN, A. (ed.). Multiculturalism : Examining the Politics of Recognition. Princeton : Princeton University Unicamp: Campinas, 2003

_____. 1997. As fontes do self. São Paulo : Loyola.

VECCHIATTI, Paulo Roberto Iotti. **Manual da Homoafetividade: da possibilidade jurídica do casamento civil, da união estável e da adoção por casais homoafetivo**. 2008, São Paulo: Método

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia**. Estudos Feministas, Florianópolis, v.09, n. 2, p.460-482, jul/dez 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE - A
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – CSHNB
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

FRANCISCO VINICIUS ROCHA PINHEIRO

OBJETIVO: Analisar como se constitui a identidade homossexual inserida no ensino superior, no Campus Senador Helvídeo Nunes de Barros

INSTRUMENTO DA PESQUISA – QUESTIONÁRIO SEMIABERTO

➤ **QUESTÕES**

1. Idade

() menos de 20

() de 20 a 30

() mais de 30

2. Curso: _____ tempo: _____

3. Nacionalidade/naturalidade: _____

4. Raça

() Branco

() Amarelo

() Pardo

() Preto

5. Rendamental

() menos de um salário

() de um a dois salários

() mais de dois salários

APÊNDICE – B

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – CSHNB
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

FRANCISCO VINICIUS ROCHA PINHEIRO

**OBJETIVO: Analisar como se constitui a identidade homossexual inserida no ensino superior, no Campus Senador Helvídeo Nunes de Barros
INSTRUMENTO DA PESQUISA – HISTÓRIA DE VIDA**

Caríssimo _____

Com o intuito de analisar como se constitui a identidade homossexual no contexto universitário e refletir como a homofobia afeta suas vivências, solicitamos vossa colaboração como interlocutor da pesquisa, tecendo a escritura de uma carta autobiográfica na qual relatará suas vivências como homem, cisgênero, homossexual. Neste documento, sugerimos abordar suas experiências marcantes referentes ao enfrentamento de violências, conflitos internos de auto-compreensão e relações interpessoais frente aos grupos sociais pertencentes ao longo de sua vida (família, escola, amigos, igreja, outros). Este documento será utilizado como objeto de pesquisa do nosso Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação da Professora Dra. Cristiana Barra Teixeira. Sua contribuição é importante.

Agradecemos sua colaboração e disposição.

Aluno: Francisco Vinicius Rocha Pinheiro.

Universidade Federal do Piauí (UFPI)



APÊNDICE - C
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO: PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é dos pesquisadores responsáveis. Em caso de recusa você não será penalizado de forma alguma.

A pesquisa intitulada A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO DO CAMPUS SENADOR HELVÍDEO NUNES DE BARROS. Trata-se do trabalho de conclusão do curso - TCC, desenvolvido por FRANCISCO VINICIUS ROCHA PINHEIRO do Curso de PEDAGOGIA da Universidade Federal do Piauí e orientado pelo (a) professor (a) Doutor (a) CRISTIANA BARRA TEIXEIRA que pode ser contatado pelo e-mail rochavinicius19@gmail.com ou pelo telefone (89) 98805-9157. O trabalho tem por objetivo: Analisar como se constitui a identidade homossexual inserida no ensino superior, no Campus Senador Helvídeo Nunes de Barros. Compreendo que este estudo possui finalidade de pesquisa, que os dados obtidos serão divulgados seguindo as diretrizes éticas da pesquisa, com a preservação do anonimato dos participantes, assegurando, assim minha privacidade. As informações coletadas poderão ser utilizadas em publicações como livros, periódicos ou divulgação em eventos científicos. Sei que posso abandonar a minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Picos, 25/09/2017

Assinatura do (a) interlocutor (a) da pesquisa



APÊNDICE - D
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROSO
CURSO: PEDAGOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO



**TERMO DE CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO
SUJEITO**

Eu, _____ RG:
_____ concordo em participar do estudo
intitulado _____
_____, como sujeito. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a)
_____ sobre
a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios
decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a
qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Picos, 25/09/2017.

Assinatura do (a) interlocutor (a) do estudo



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, Francisco Vinícius Rocha Pinheiro,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
A construção da identidade homossexual no ensino superior:
 histórias de vida de homens gays e alunos da UFPI/CSHNB
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 02 de agosto de 2018.

Francisco Vinícius Rocha Pinheiro
 Assinatura

Francisco Vinícius Rocha Pinheiro
 Assinatura